

SUSTENTABILIDADE como decisão



Empurrar limites para **moldar** o futuro



Cloud & Infra



Workplace



Applications



Data & AI



Security

claranet.com/pt

claranet®

IT Insight



#57 SETEMBRO 2025

IN DEEP

d_Δl_gest por Henrique Carreiro

COVERAGE

– IFA 2025: IA acelera inovação em ecrãs e computadores portáteis

– Lenovo introduz novo portfólio de workstations, tablets e smartphones com IA integrada

TRANSFORM

Câmara do Porto e Esri transformam reabilitação urbana com SIG móvel

WISHLIST

Novo smartphone dobrável da Samsung é o mais fino e leve de sempre e combina precisão com inteligência artificial

IN DEEP

SUSTAINABILITY & CORPORATE RESPONSABILITY THROUGH TECHNOLOGY

Quando os dados transformam a sustentabilidade em decisão

ROUND TABLE

IT MOBILITY & WORKPLACE

Mobilidade empresarial: pessoas, processos & tecnologia no novo mundo do trabalho

FACE 2 FACE | BRUNO CASTRO

“Entendemos que a inovação digital passa por IA, mas o que não pode acontecer é que seja feita à custa da segurança”

ROUND TABLE



IT MOBILITY & WORKPLACE

FACE 2 FACE



BRUNO CASTRO, VISIONWARE

Dedique mais tempo a liderar, inspirar e alcançar objetivos.

Trabalhe de forma mais
inteligente do que nunca com
a IA de próxima geração.

Descobre o Next Gen Ai PC HP EliteBook X Flip



IT Insight



#57 SETEMBRO 2025

IN DEEP

SUSTAINABILITY & CORPORATE RESPONSABILITY THROUGH TECHNOLOGY

EPSON® EcoTank Business: A Solução de Impressão Eficiente e Rentável para Empresas

ROUND TABLE

IT MOBILITY & WORKPLACE

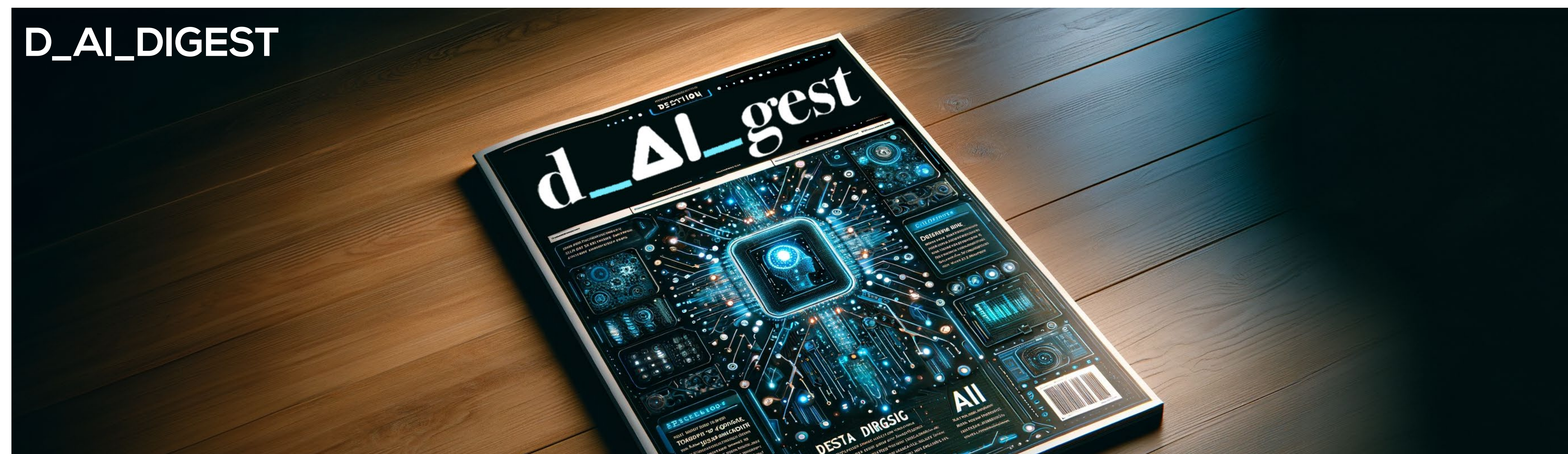
claranet® Construir a Indústria do futuro: a tecnologia como motor da transição energética

hp Mobilidade e Transformação do Local de Trabalho: A Nova Era da Experiência Digital

...e ainda



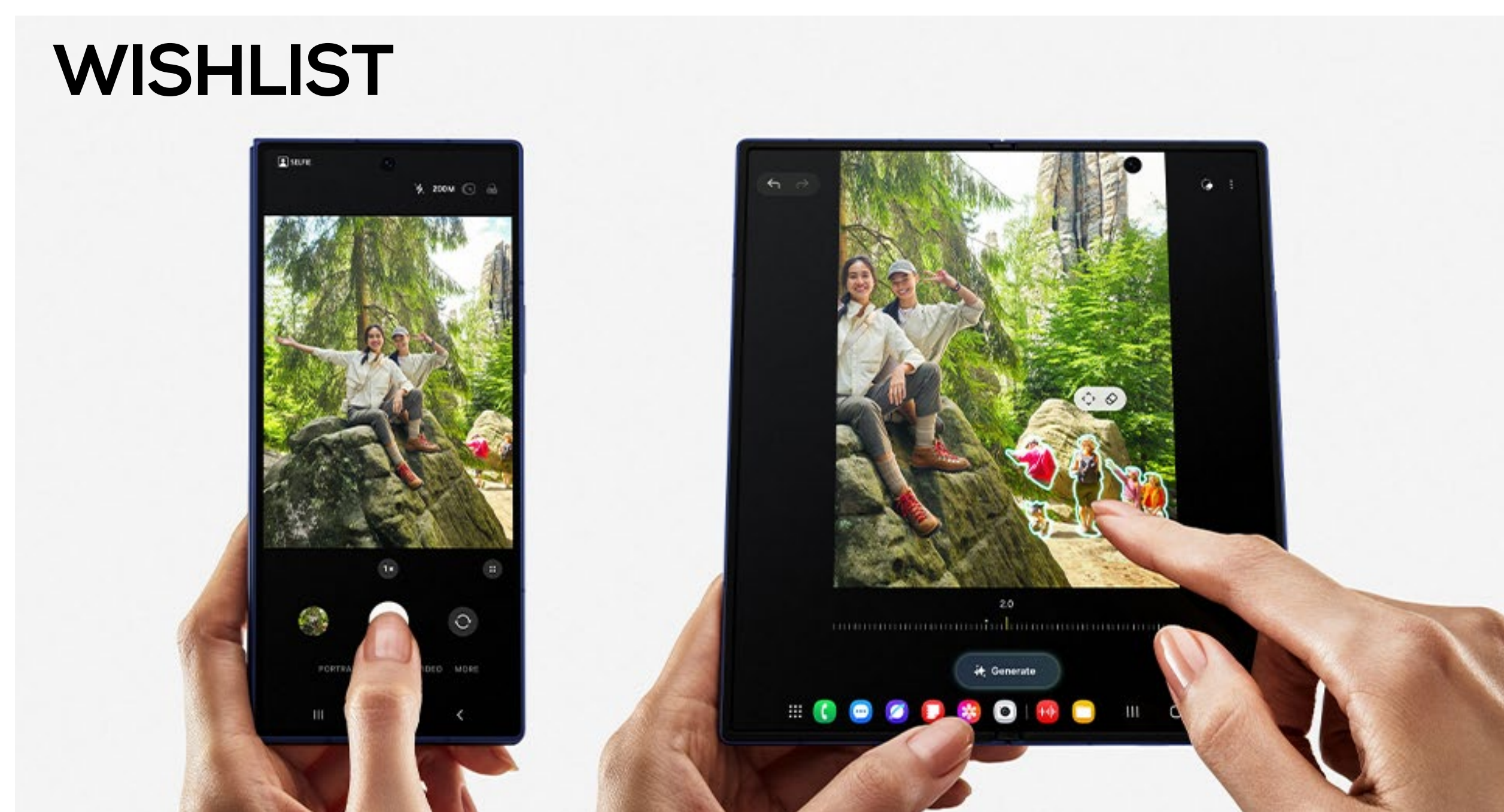
D_AI_DIGEST



TRANSFORM



WISHLIST



COVERAGE | IFA 2025



Cada página que imprime pode fazer a diferença

Escolha a Série Epson Workforce Enterprise AM-C
e descubra as vantagens



Consumo
energético



Peças de
substituição



Manutenção



Velocidade de
impressão

Mude para a tecnologia de impressão Sem Calor
www.epson.pt/heat-free



PRECISIONCORE
HEAT • FREE





HENRIQUE CARREIRO

Não apenas mais uma bolha

TODAS AS SEMANAS, para não dizer todos os dias, surgem notícias sobre investimentos cada vez mais avultados na construção de data centers para aplicações de IA, que levam, no extremo, a possíveis comparações com o que aconteceu no final dos anos noventa, na altura do pico e da queda das ditas “*dot-com*”. Nessa altura, já no início do novo milénio, a implosão especulativa deixou atrás de si muitas empresas encerradas; por outro lado, ficaram quilómetros de fibra ótica, cabos e equipamentos que, embora subutilizados durante anos, vieram a tornar-se a base material da Internet global. O capital dos investidores sofreu um golpe violento, mas a infraestrutura permaneceu — e foi esse resíduo que permitiu a maturação seguinte.

Hoje, a situação é outra. O núcleo dos investimentos concentra-se em GPU cuja depreciação

tecnológica é vertiginosa. O valor dilui-se quando surge a geração seguinte de processadores gráficos, o que acontece anualmente. Quando a procura falhar ou estabilizar, não restará uma rede duradoura, mas antes armazéns cheios de máquinas que correm o risco de ficar rapidamente obsoletas. Ainda assim, não é certo que tudo se dissipe. A infraestrutura energética criada para alimentar estes centros pode ser reconvertida; a pressão sobre a indústria de semicondutores tem vindo a acelerar a inovação em fabrico e design, ganhos que dificilmente se perdem. O que sobra pode não ser tão tangível quanto a fibra dos anos dois mil, mas poderá abrir caminhos imprevistos.

Se a história da tecnologia ensina alguma coisa, é que o excesso deixa sempre marcas. O desafio está em transformá-las em alicerces, e não apenas em memória de desperdício. ■

MAIS DO QUE UMA MARCA, **UM PARCEIRO DE CONFIANÇA.**

☆☆ **HPE 'FY24**

☆ **Veeam
Software**

☆☆ **IT Channel
Award2025**

Parceiro do Ano - HPE GreenLake

Parceiro do Ano - HPE Aruba Networking

The best COM partner of the year 2024, Portugal

Parceiro Cybersecurity

Parceiro do Ano



UM TERÇO DAS PME PORTUGUESAS APOSTA NA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E AUTOMAÇÃO

Mais de um terço das pequenas e médias empresas em Portugal elege a inteligência artificial e a automação como prioridades de investimento para os próximos anos.



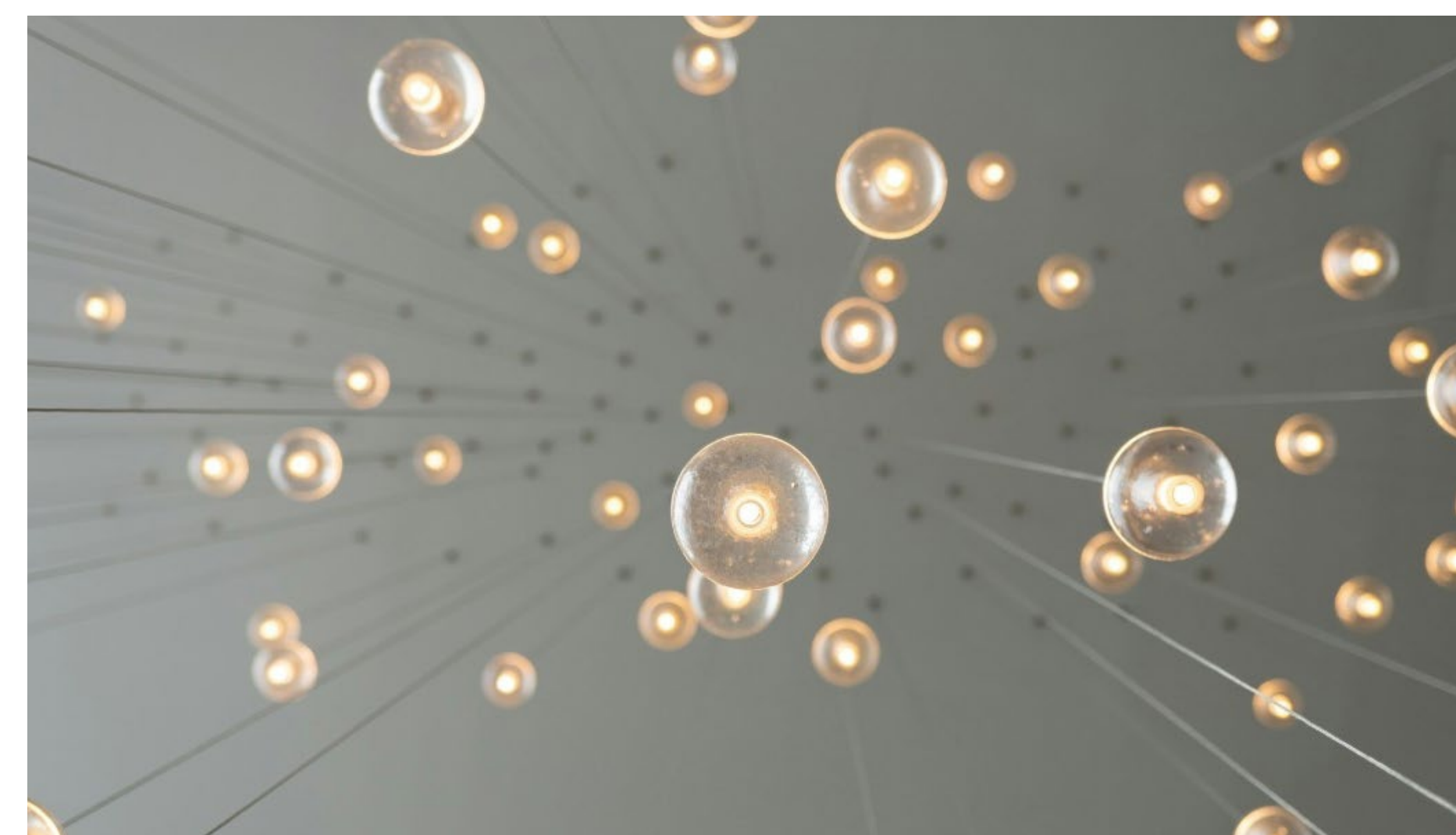
Mais de um terço das PME portuguesas considera a Inteligência Artificial (IA) e a automação como áreas prioritárias de investimento, de acordo com o estudo “*Digitalização das Empresas em Portugal*”, conduzido pela GfK para

a Cegid. No que respeita à IA, 16% das empresas inquiridas já recorrem diariamente a estas tecnologias. Para 2025, a IA surge destacada como um dos principais focos de transformação, com interesse crescente em soluções baseadas em agentes inteligentes.

A automação assume igualmente um papel de relevo, sendo considerada prioridade máxima para 28% das empresas participantes no estudo. Entre estas, 69% afirmam ter como objetivo automatizar tarefas repetitivas, que atualmente ocupam em média cinco horas diárias por colaborador. ■

INOVAÇÃO EM PORTUGAL CRESCE, MAS PAÍS CONTINUA A SER ‘INOVADOR MODERADO’ NA EUROPA

Relatório destaca o aumento do investimento em I&D, alerta para desafios na retenção de talento e na aposta em tecnologias disruptivas.



A inovação em Portugal registou uma trajetória positiva em 2023 e 2024, marcada pelo crescimento da despesa em Investigação e Desenvolvimento (I&D), pelo aumento da qualificação da população e pelo reforço da inovação

empresarial. A conclusão consta do Relatório Nacional de Inovação 2024 publicado pela Agência Nacional de Inovação, que este ano se dedica às áreas estratégicas da Segurança e Defesa.

Entre os principais indicadores, destaca-se o aumento da percentagem de população entre os 25 e os 64 anos com ensino superior, que passou de 27,5% em 2020 para 29,8% em 2023. Já a despesa total em I&D ultrapassou os 4,5 mil milhões de euros, correspondendo a 1,7% do PIB. Só as entidades da Base Tecnológica e Industrial de Defesa (BTID) e o Ministério da Defesa Nacional investiram 485,2 milhões de euros, mais 29% face a 2020. ■



Business Continuity

IT Insight talks

Garantir a Continuidade do Negócio na Era Digital

23 de outubro | Quinta-feira | 10h

A IT Insight convida-o a participar na mesa-redonda Business Continuity, no dia 23 de outubro de 2025, no Fórum Tecnológico Lissolis, em Lisboa. Neste evento, vamos explorar as estratégias, tecnologias e boas práticas que permitem às organizações assegurar a continuidade das operações e reforçar a resiliência digital, com especial enfoque na implementação da diretiva NIS2 e no seu impacto para empresas e entidades públicas. Junte-se a especialistas do setor e descubra como garantir a proteção e a estabilidade do seu negócio num mundo cada vez mais exigente.

Fórum Tecnológico Lissolis | A partir das 9h30 | Participação presencial e online
Escolha a sua forma de participar:

QUERO ESTAR PRESENTE

QUERO ASSISTIR POR ZOOM

Com o apoio de:

LISPOLIS
POLO TECNOLÓGICO DE LISBOA

COMMVAULT 

 IP Telecom

 VisionWare
since 2005

FALTA DE ESTRATÉGIA EM OPEN SOURCE PÕE EM RISCO A LIDERANÇA TECNOLÓGICA DA EUROPA

Apesar da adoção generalizada de open source, a Europa arrisca perder terreno na inovação tecnológica por falta de estratégias coesas e apoio de liderança, revela o relatório World of Open Source Europe 2025.



O novo relatório “World of Open Source Europe 2025: Open Source as Europe’s Strategic Advantage”, divulgado pela Linux Foundation Europe, conclui que a ausência de uma abordagem estruturada e de compromisso ao mais alto nível

ameaça a capacidade da Europa de transformar o *open source* numa vantagem competitiva sustentável.

O relatório, que se baseia em contributos de mais de 300 líderes de IT europeus, mostra que o open source já está profundamente enraizado nas organizações europeias. Mais de 90% das empresas reconhecem que o software open source continua a gerar valor consistente.

Ainda assim, a Europa encontra-se aquém do *benchmark* global em termos de maturidade estratégica, sendo que apenas 34% das organizações europeias possuem estratégias formais de utilização de *open source*. ■

LÍDERES DE IT DEVEM TRANSFORMAR RELAÇÕES COM STAKEHOLDERS PARA GERAR VALOR ESTRATÉGICO

Estudo revela que o envolvimento com as partes interessadas é um fator crítico para o negócio, mas continua a ser uma área subdesenvolvida na maioria das empresas.



À medida que as empresas continuam a investir fortemente em tecnologia, os líderes de IT enfrentam uma pressão crescente para oferecer mais do que apenas excelência operacional. Um

novo estudo da Info-Tech Research Group, revela que o envolvimento eficaz com as “partes interessadas” (*stakeholders*) não é uma mera “habilidade interpessoal”, mas sim um fator crítico para atingir os objetivos de negócio.

A investigação destaca que, embora o seu impacto seja claro, o envolvimento com *stakeholders* continua a ser uma área pouco desenvolvida em muitas organizações, o que leva a oportunidades perdidas para as equipas de IT elevarem a sua influência e o seu valor. ■

IT SECURITY CONFERENCE

LISBOA

2025
OCT 09

conf.itsecurity.pt

#A VOZ DOS CISO

09 OUT 2025 | LISBOA

A VOZ DOS CISO

A quarta edição da IT Security Conference 2025 já tem data marcada para **09 de outubro, em Lisboa**, onde os temas mais relevantes sobre o ecossistema da cibersegurança voltam a estar em debate e análise pelos mais proeminentes especialistas da área.

MARQUE A DATA NA SUA AGENDA.

PARCEIROS:

Diamond



Platinum



Golden



Silver



Bronze

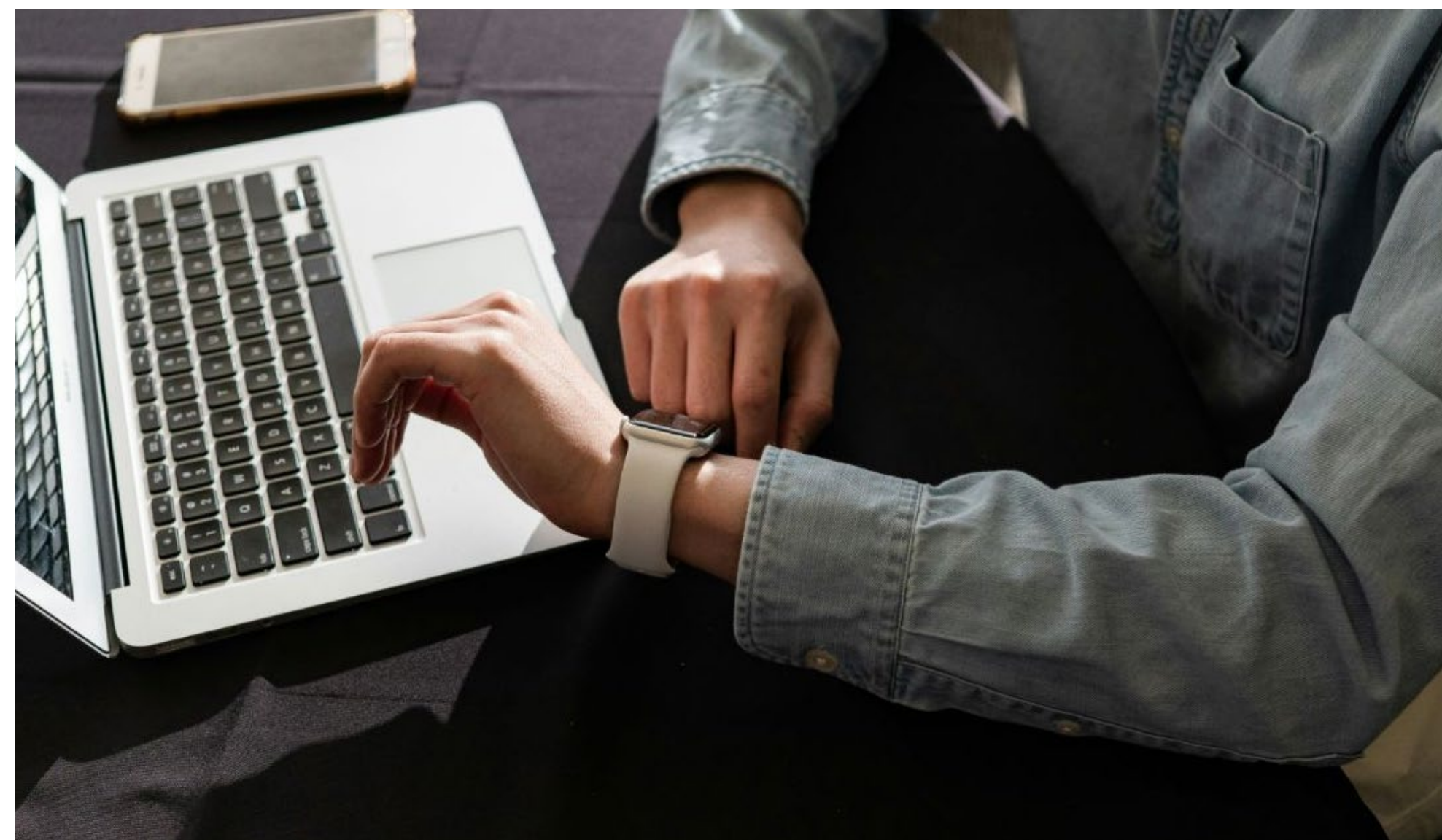


Institutional Partners



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PASSA A PRIORIDADE ESTRATÉGICA PARA CFO

Uma nova investigação mostra que os CFO deixaram de encarar a inteligência artificial como um investimento conservador e passaram a apostar na tecnologia como um motor de crescimento das receitas.



Os Chief Financial Officers (CFO) abandonaram a postura conservadora face à Inteligência Artificial (IA). Um estudo da Salesforce mostra que, em 2020, 70% seguia uma estratégia cautelosa, mas

atualmente apenas 4% mantem essa posição, passando a encarar a tecnologia como fator de eficiência e crescimento sustentado.

De acordo com o estudo, esta mudança resulta de uma reavaliação profunda do retorno do investimento em tecnologia. Mais de metade (61%) dos CFO reconhece que os chamados agentes de IA estão a alterar a forma como medem o ROI.

Segundo o relatório, os CFO reconhecem agora que a IA traz benefícios a longo prazo, desde a geração de receitas ao aumento da produtividade, passando por melhorias na tomada de decisão. ■

PME EUROPEIAS MOSTRAM PREOCUPAÇÃO CRESCENTE COM A LOCALIZAÇÃO DOS DADOS

Mais de metade das pequenas e médias empresas na Europa não sabe onde estão armazenados os seus dados. A confiança na localização do armazenamento está a tornar-se um fator crítico na escolha dos fornecedores.



A maioria das pequenas e médias empresas (PME) na Europa desconhece se os seus dados estão armazenados dentro das fronteiras da União Europeia. A conclusão é do primeiro relatório da team.blue, inti-

tulado “*Data Hosting In Europe: Insights & Shift*”, que procurou aferir o sentimento das empresas europeias quanto à localização do seu armazenamento de dados.

De acordo com o estudo, 57% das PME inquiridas afirmam não saber se os seus fornecedores de serviços em cloud garantem o armazenamento dos dados na União Europeia. Ainda assim, 51% indicam um aumento do interesse ou preocupação por parte das partes interessadas, sobretudo clientes e membros da direção, sobre onde residem os dados. ■



ΔI DIGEST, UM RESUMO DO QUE MAIS
IMPORTANTE ESTÁ Δ ACONTECER
NO CAMPO DA INTELIGÊNCIA
ARTIFICIAL

Coligido por Henrique Carreiro
Ilustrações de Teresa Rodrigues com o DALL-E

Espaço suficiente para o próximo salto

A HUAWEI LANÇOU uma unidade de SSD com capacidade para 245 terabytes – a maior já vista numa única *drive*. Mais do que um feito técnico, é uma forma de evidenciar um dos paradoxos da IA atual: GPU de última geração que podem não ser aproveitados em pleno porque os dados não chegam com a velocidade desejada.

Os novos modelos (EX 560 e SP 560) foram desenhados para reduzir esse possível desperdício. A promessa é clara: reduzir as limitações quer nos lotes de treino (*batches*) quer nas “fotografias” (*checkpoints*) que geram, normalmente, volumes massivos de dados. Estas unidades prometem 6,6 vezes mais eficiência no pré-processamento e poupanças de 85,2% no espaço físico dos *clusters*. Enquanto os discos rígidos continuam relevantes no armazenamento em data centers, por questões de custo por gigabyte favoráveis, prevê-se que até 2028 os SSD conquistem 20% desse mercado.

O fornecimento global continua nas mãos de fabricantes bem conhecidos neste espaço – Samsung, SK Hynix, Micron, SanDisk e Kioxia –, mas a Huawei tenta abrir espaço ao mostrar que não se trata apenas de vender unidades maiores: é oferecer o combustível que falta para que o treino dos modelos da IA não abraque por armazenamento insuficiente, ou inadequado.

E o pano de fundo dá a medida: treinar um modelo com 671 mil milhões de parâmetros requer 3,5 petabytes de dados. O universo digital já vai em 154 zettabytes. Uma escala tranquila, claro, desde que alguém descubra o equivalente a enfiar o Rossio na Rua da Betesga. ■



Foto de Alex Radelich na Unsplash

IA também já combate a gripe

TODOS OS ANOS, a escolha da vacina da gripe é um exercício de previsão arriscada: decidir hoje quais as estirpes que vão circular meses mais tarde. Quando a aposta acerta, a proteção é elevada; quando falha, os sistemas de saúde sentem logo o impacto. É, literalmente, ciência feita contra-relógio.

Investigadores do MIT decidiram encurtar a margem de adivinhação. Criaram o VaxSeer, um sistema de inteligência artificial que antecipa quais as estirpes mais prováveis de se tornarem dominantes e avalia a eficácia potencial das vacinas contra elas. Para isso, treinaram modelos de *deep learning* em décadas de sequências virais e resultados laboratoriais, simulando como o vírus poderá evoluir e como os anticorpos irão responder.

Num estudo retrospectivo de dez anos, o VaxSeer superou as recomendações da Organização



Foto de Eractics Inc na Unsplash

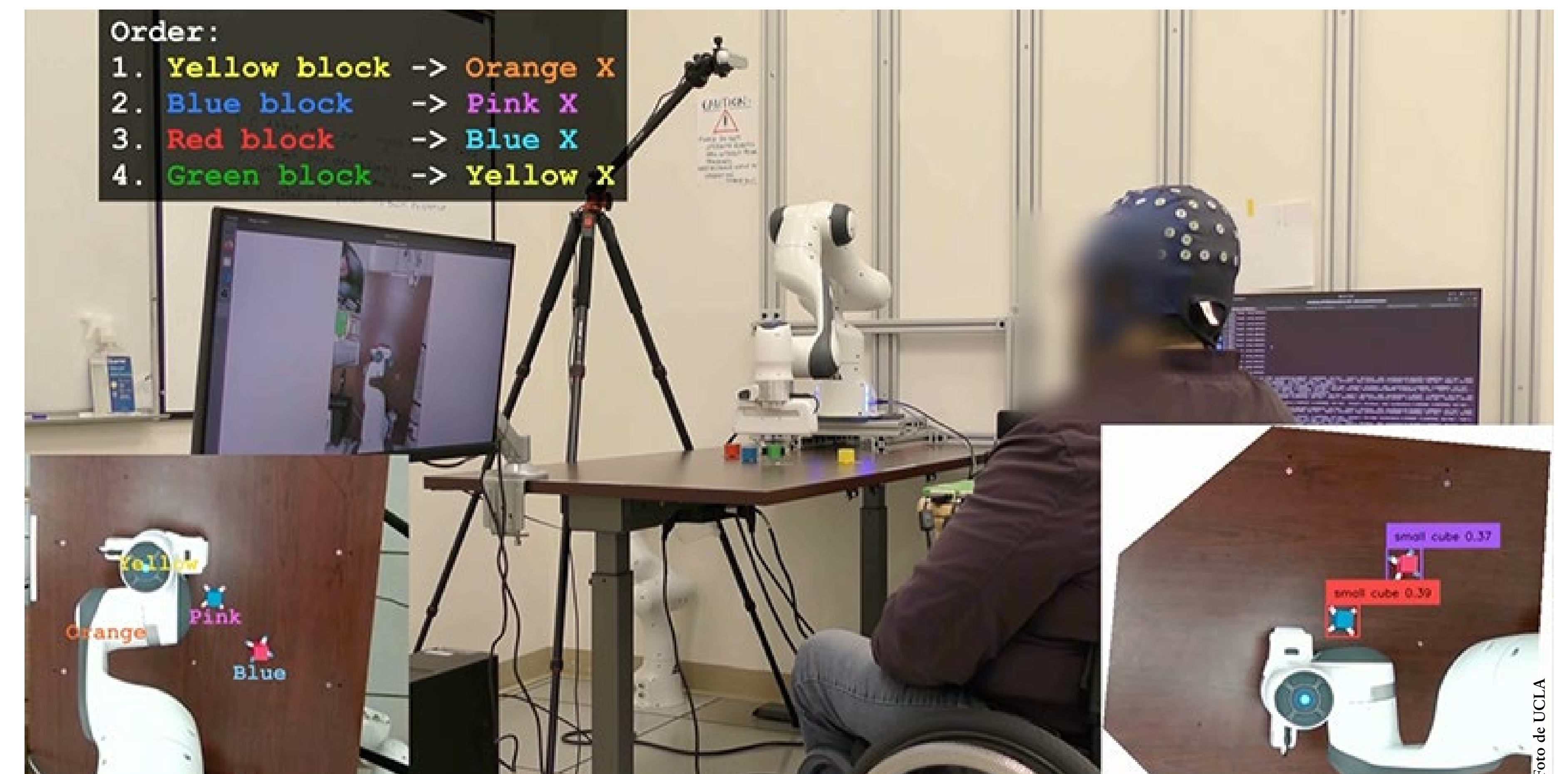
Mundial da Saúde em nove das dez temporadas da estirpe A/H3N2, e igualou ou superou na A/H1N1 em seis. Chegou mesmo a identificar uma estirpe em 2016 que só seria escolhida oficialmente no ano seguinte. A correlação com dados reais de eficácia foi robusta, reforçando que o sistema não se limita a resultados teóricos.

A abordagem difere dos modelos clássicos: em vez de avaliar mutações isoladas, o VaxSeer usa modelos de linguagem proteica para captar efeitos combinatórios e mudanças dinâmicas na dominância viral — precisamente o tipo de detalhe que complica a vida a quem toma decisões hoje para surtos de amanhã. O projeto foca-se na proteína HA do vírus da gripe, mas os autores já pensam em expandir a outras proteínas e a outros patógenos. Porque, convenhamos, esperar que a evolução viral abrande para nos dar tempo não parece uma estratégia particularmente fiável. ■

Robôs comandados por intenção

INVESTIGADORES DA UCLA (Universidade da Califórnia - Los Angeles) apresentaram um sistema de interface cérebro-computador não invasivo que usa inteligência artificial como co-piloto. A ideia é simples e ambiciosa: interpretar a intenção do utilizador e ajudá-lo a mover um braço robótico ou um cursor no ecrã — sem cirurgia, apenas com um “capacete” de EEG. O sistema combina algoritmos que decifram sinais elétricos do cérebro com uma plataforma de visão por computador que interpreta, em tempo real, a direção desejada. O resultado? Tarefas concluídas significativamente mais depressa. Num dos testes, um participante paralisado conseguiu mover quatro blocos com um braço robótico em seis minutos e meio. Sem a ajuda da IA, não teria conseguido completar a tarefa.

Hoje, as interfaces cérebro-computador mais eficazes são as invasivas, implantadas cirurgicamente — tecnologia promissora, mas que em mais de 20 anos não passou de ensaios clínicos muito limitados, por causa do risco e do custo da cirurgia. Já os dispositivos externos, mais seguros, têm falhado na fiabilidade. O sistema da UCLA tenta resolver precisamente essa lacuna, mostrando que é possível obter ganhos de desempenho sem abrir crânios. Os investigadores falam agora em próximos passos: co-pilotos mais ágeis,



capazes de mover braços robóticos com mais velocidade e precisão, e algoritmos treinados em larga escala para lidar com tarefas complexas.

Vale a pena notar o subtexto: não se trata apenas de ajudar a mover blocos numa mesa. O que está em causa é devolver autonomia a pessoas com paralisia ou doenças neurológicas. E, num mundo saturado de promessas tecnológicas, é raro ver uma demonstração que traduz de forma tão concreta o impacto humano da IA. ■

QUANDO OS DADOS TRANSFORMAM A SUSTENTABILIDADE EM DECISÃO





A sustentabilidade, outrora compreendida como uma questão periférica ou uma mera obrigação regulatória, emergiu no cenário empresarial português como um pilar central e inegável para a competitividade e a criação de valor a longo prazo. Este imperativo, acentuado por instrumentos como o PRR e a taxonomia verde da União Europeia, coloca os CxO portugueses sob uma pressão crescente. A questão principal deixou de ser “porquê” investir em sustentabilidade tecnológica e passou a ser “como” transformar um custo numa oportunidade de investimento com retorno mensurável.

INÊS GARCIA MARTINS

NO TECIDO EMPRESARIAL PORTUGUÊS, a sustentabilidade deixou de ocupar a periferia das prioridades. A regulação europeia – da *Corporate Sustainability Reporting Directive* (CSRD) à taxonomia verde da União Europeia – elevou a fasquia, mas o que atualmente acelera as decisões é a evidência económica: eficiência, acesso a capital, novas receitas e vantagem competitiva. A questão que chega aos conselhos de adminis-

tração é direta: **como transformar métricas ESG em decisões de negócio que preservam margem, mitigam risco e abrem novos mercados?**

De acordo com o Barómetro Internacional ESG 2025, da consultora Ayming, apenas 58% das empresas nacionais implementaram uma estratégia ESG formal, um ritmo muito aquém de países como Espanha ou Itália, onde mais de 80% já integram estas práticas. Este atraso não é apenas

simbólico; à medida que a legislação europeia se intensifica, **as empresas que falhem em alinhar-se com os critérios ESG correm o risco de perder competitividade, ou até mesmo serem excluídas das cadeias de valor.**

Neste contexto, a tecnologia assume um papel central, não apenas como ferramenta de reporte e *compliance*, mas como catalisador de inovação e eficiência que impulsiona a agenda ESG. A inte-



gração de soluções digitais permite às empresas otimizar recursos, reduzir emissões e obter dados auditáveis para uma gestão mais transparente e estratégica.

A EVOLUÇÃO “VERDE” NAS EMPRESAS PORTUGUESAS

Em Portugal, a sustentabilidade empresarial vive uma fase de transição. A pressão regulatória europeia impulsiona o tema, mas o verdadeiro desafio é alinhar estratégias de negócio com critérios ESG. Para Rafael Botelho, Gestor de Conhecimento e Formação do BCSD Portugal, “a sustentabilidade deixou de ser apenas uma questão reputacional ou regulatória, é hoje um fator de competitividade”. Ainda assim, alerta que “este movimento tem de se expandir, sobretudo às PME, para garantir uma transição justa e abrangente”.



- Rafael Botelho -

Gestor de Conhecimento e Formação do BCSD Portugal

Já do lado das grandes empresas, a evolução é clara. Segundo Bruno Martinho, Strategy & Growth Lead da Accenture Portugal, “a conversa sobre sustentabilidade evoluiu de um tema de risco e *compliance*, deixando de aparecer no final da agenda, para passar a ser encarada como alavanca

“

A SUSTENTABILIDADE DEIXOU DE SER APENAS UMA QUESTÃO REPUTACIONAL OU REGULATÓRIA, É HOJE UM FATOR DE COMPETITIVIDADE”

RAFAEL BOTELHO,
GESTOR DE CONHECIMENTO E FORMAÇÃO DO
BCSD PORTUGAL

de crescimento e de competitividade a longo prazo”. O executivo acrescenta que “as empresas com a sustentabilidade profundamente integrada na gestão superam os pares em 21% em valor gerado e desempenho ambiental e social”.

Ainda assim, persistem desafios significativos no



- Bruno Martinho -

Strategy & Growth Lead da Accenture Portugal

mercado português, sobretudo na definição de estratégias claras, na implementação prática e, em particular, na capacidade de medir impacto com dados comparáveis e auditáveis. Para Rafael Botelho, “os principais *gaps* consistem sobretudo na definição de uma estratégia clara e alinhada com os riscos e oportunidades do negócio e na capacidade de medir e quantificar impacto com dados comparáveis e auditáveis”. A tecnologia surge aqui como fator determinante para acelerar esta maturidade, embora o investimento continue a ser uma barreira, sobretudo para as PME.

Há, no entanto, a nível estratégico, sinais de mudança que consolidam a sustentabilidade como imperativo competitivo. A Accenture recorda que “a pressão regulatória acelerou a discussão, mas é a evidência económica – maior eficiência, acesso a financiamento e novas receitas – que está a consolidar o tema como prioridade estratégica”. A Accenture parte do princípio de que a integração de critérios ambientais e sociais gera retorno, e, por isso, o *business case* que constrói com os clientes “começa por tratar a sustentabilidade como um vetor de criação de 360° *Value*, e não como centro de custos”.

A abordagem assenta numa arquitetura de *Carbon Intelligence – Information, Insight e Impact* – que liga dados de emissões a indicadores financeiros e de risco. Entre os resultados, a consultora sublinha que “as organizações mais maduras em ESG conseguem, em média, reduzir o custo médio ponderado de capital entre 20 e 40 pontos base

“A CONVERSA SOBRE SUSTENTABILIDADE EVOLUIU DE UM TEMA DE RISCO E COMPLIANCE, DEIXANDO DE APARECER NO FINAL DA AGENDA, PARA PASSAR A SER ENCARADA COMO ALAVANCA DE CRESCIMENTO E COMPETITIVIDADE”

BRUNO MARTINHO, STRATEGY & GROWTH LEAD DA ACCENTURE PORTUGAL



e alcançar prémios de 10–15% no rácio *Price to Book*. O método inclui “a criação de um *baseline* digital de carbono e ESG”, a “simulação de cenários de melhoria e respetiva redução do beta setorial e, por consequência, do WACC”, a “quantificação do prémio de acesso a instrumentos de financiamento verde” e o “desenvolvimento de *Marginal Abatement Cost Curves* e de modelos de preço interno de carbono”, que permitem ao CFO comparar projetos de descarbonização com alternativas de CapEx tradicional.

Quando a tecnologia e a sustentabilidade convergem, surgem novos mercados. No caso da aviação, “a Shell criou com a Accenture e a Amex GBT a plataforma Avelia, baseada em blockchain, que permite a empresas investirem em combustível de aviação sustentável (SAF). Este modelo ‘*book and claim*’ já viabilizou um milhão de galões (ou 3,75 milhões de litros) de SAF, o equivalente a

15 mil voos”. No ciclo de dispositivos – uma das áreas mais poluentes da cadeia tecnológica –, “a Lenovo redesenhou o fornecimento de equipamentos através do programa TruScale Device-as-a-Service. A Universidade de Coventry compensou 223 toneladas de CO₂ e reduziu 40 horas de trabalho de IT por semana”, exemplificou.

TECNOLOGIA COMO MOTOR DA CONTABILIDADE ESG

A dificuldade em consolidar dados ESG provenientes de múltiplas fontes e formatos continua a ser um dos principais obstáculos para as empresas portuguesas. A pressão acrescida de regulamentações como a CSRD, a Global Reporting Initiative (GRI), o Carbon Border Adjustment Mechanism (CBAM) ou a European Union Deforestation Regulation (EUDR) torna esta tarefa ainda mais complexa. Para Maria Marrecas Ferreira, Solution



Advisor da SAP Portugal, “o maior desafio é consolidar dados provenientes de múltiplos sistemas e formatos: uma tarefa complexa, agravada pela escassez de recursos e pelo aumento das exigências regulatórias”.

É neste enquadramento que a integração de dados ganha centralidade. Segundo a responsável, “a SAP desempenha hoje um papel fundamental ao integrar dados operacionais e financeiros num sistema transparente e auditável, que serve como uma verdadeira e única fonte de verdade”. Esse é o pilar da estratégia *Sustainability at the Core*, que coloca a sustentabilidade no centro da gestão empresarial.

A procura por dados fiáveis, auditáveis e comparáveis tem vindo a aumentar, sobretudo porque “sem dados fiáveis, os relatórios ESG perdem credibilidade. Por isso, simplificar e automatizar é essencial”, sublinha Maria Marrecas Ferreira. Um exemplo recente é a plataforma SAP Business



- Maria Marrecas Ferreira -
Solution Advisor da SAP Portugal

Data Cloud, que integra e analisa informação de múltiplas origens, apoiada por inteligência artificial generativa através do copiloto Joule. De acordo com a responsável, estas soluções abrem espaço para uma análise mais estratégica, o que permite a um diretor de sustentabilidade colocar questões críticas, como por exemplo, destaca, “de que forma podemos reduzir significativamente a pegada de carbono nos próximos ‘x’ anos, sem comprometer as metas financeiras” da organização?

“O MAIOR DESAFIO É CONSOLIDAR DADOS PROVENIENTES DE MÚLTIPLOS SISTEMAS E FORMATOS: UMA TAREFA COMPLEXA, AGRAVADA PELA ESCASSEZ DE RECURSOS E PELO AUMENTO DAS EXIGÊNCIAS REGULATÓRIAS”

MARIA MARRECCAS FERREIRA, SOLUTION ADVISOR DA SAP PORTUGAL



UM MODELO DE SUSTENTABILIDADE INTEGRADA

A Schneider Electric é apontada como referência global na forma como alia tecnologia e sustentabilidade, algo que considera estar enraizado no seu modelo de negócio e que a levou a estar no topo do *ranking* de empresas mais sustentáveis do mundo para a TIME. A empresa estrutura este compromisso através do programa Schneider Sustainability Impact, que integra metas ESG na estratégia e até na remuneração dos colaboradores, com o objetivo de garantir que toda a organização rema no mesmo sentido. Esta visão tem produzido resultados tangíveis: desde 2018, os clientes da Schneider Electric evitaram 679 milhões de toneladas de CO₂ graças às soluções digitais de eletrificação, automatização e eficiência energética.

A exatidão de dados transformou-se em serviço através do Environmental Data Program “oferece



O LANÇAMENTO DO ENVIRONMENTAL DATA PROGRAM QUE TEM COMO OBJETIVO “OFERECER TOTAL TRANSPARÊNCIA SOBRE O IMPACTO AMBIENTAL DOS NOSSOS PRODUTOS, COM DADOS FIÁVEIS E FÁCEIS DE INTEGRAR EM RELATÓRIOS ESG”

ANA PAULA PATRÍCIO,
IBERIA ESG OFFICER DA SCHNEIDER ELECTRIC



- Ana Paula Patrício -
Iberia ESG Officer da Schneider Electric

total transparência sobre o impacto ambiental dos nossos produtos, com dados fiáveis e fáceis de integrar em relatórios ESG”, sublinha Ana Paula Patrício, Iberia ESG Officer da Schneider Electric. A ferramenta permite **medir a pegada de carbono ao longo de todo o ciclo de vida dos equipamentos, de acordo com normas internacionais como a CSRD ou o GHG Protocol.**



Este modelo de “sustentabilidade quantificada” não ajuda apenas os clientes a responder às crescentes exigências regulatórias, como se tornou um diferenciador comercial. Como afirma a responsável, ao permitir decisões de compra mais sustentáveis, a empresa reforça o seu papel enquanto parceiro estratégico que acrescenta valor a toda a cadeia.

SUSTENTABILIDADE TECNOLÓGICA COMO INVESTIMENTO ESTRATÉGICO

Para os CTT, a sustentabilidade deixou de ser apenas uma obrigação regulatória para assumir-se como “um motor de inovação e de diferenciação no setor logístico”. A aposta na eletrificação da frota é o exemplo mais claro: desde 2022, a empresa já conta com mais de 1.100 veículos elétricos, que representam 39% da frota própria, e comprometeu-se a atingir 50% até 2025



- Maria Rebelo -

Maria Rebelo, Diretora de Sustentabilidade dos CTT

e 100% até 2030. Como sublinha Maria Rebelo, Diretora de Sustentabilidade da empresa, este percurso representa não apenas descarbonização, mas também “uma oportunidade para repensar processos, gerar ganhos operacionais, melhorar a experiência do cliente e responder às expectativas das várias partes interessadas”.

Este compromisso integra-se num plano mais amplo de descarbonização, com a meta de reduzir as emissões totais (diretas e indiretas) em 55% até

“O OBJETIVO É REDUZIR AS EMISSÕES POLUENTES ASSOCIADAS, O RUÍDO E DE PROMOVER UMA PRESENÇA RESPONSÁVEL DOS CTT NAS GEOGRAFIAS ONDE OPERA E COM ESPECIAL RELEVÂNCIA NOS CENTROS URBANOS”

MARIA REBELO, DIRETORA DE SUSTENTABILIDADE DOS CTT



2030, validada pela Science Based Targets initiative (SBTi), reforçando o alinhamento da empresa com a agenda climática global.

A inovação tecnológica é o alicerce desta transformação, com a inteligência artificial e a análise avançada de dados a desempenharem um papel central. Através dessas ferramentas, os CTT conseguem integrar telemetria, padrões históricos de entrega e informações de tráfego em tempo real, o que lhes permite planejar rotas mais eficientes e recalcular percursos sempre que surgem imprevistos. “A componente ambiental é um pilar central desta abordagem”, afirma Maria Rebelo, ao destacar que os algoritmos não só reduzem quilómetros percorridos e emissões, como também “garantem uma utilização eficiente da frota elétrica, sobretudo em contextos urbanos”. Esta capacidade de medir e reportar emissões tornou-se um fator diferenciador junto dos clientes B2B, especial-

mente os que têm metas ESG exigentes, o que lhes possibilita integrar estes dados nos seus próprios inventários carbónicos.

O próximo grande desafio é a descarbonização da última milha, considerada o segmento mais poluente e crítico da logística. “O objetivo é reduzir as emissões poluentes associadas, o ruído e de promover uma presença responsável dos CTT nas geografias onde opera e com especial relevância nos centros urbanos”, reforça a responsável. Para ultrapassar as limitações atuais, a empresa investiu numa rede própria de pontos de carregamento e acompanha de perto o desenvolvimento de soluções públicas e tecnológicas para veículos pesados. Em paralelo, reforça a rede Collectt, que já soma mais de 20 mil pontos Pick & Drop na Península Ibérica, incluindo cacifos Locky que reduzem as deslocações desnecessárias e melhoram a experiência do cliente.





- Bruno Mota -
CEO da Devoteam Portugal



DA AMBIÇÃO À EXECUÇÃO: O PAPEL DO PARCEIRO TECNOLÓGICO

Para Bruno Mota, CEO da Devoteam Portugal, a transição só resulta com execução disciplinada, até porque muitas empresas continuam a lidar com dados pouco maduros e incerteza quanto ao ROI. Ainda assim, sublinha que “o ponto de viragem já foi atingido”, impulsionado “pelas expectativas dos clientes e por um desejo de vantagem

competitiva”. Além disso, os números confirmam a tendência, sendo que “mais de 76% das organizações consideram agora a sustentabilidade uma parte central da sua estratégia ou uma área de foco importante”.

É neste contexto que defende que o papel de um parceiro tecnológico é “ser um parceiro integrado, fazendo a ponte entre a ambição e a realidade”. O desafio mantém-se, no entanto, já que “mais de 65% das empresas ainda estão a estabelecer ou automatizar a recolha de dados”.

O primeiro passo, segundo o responsável, é construir um caso de negócio sólido e baseado em dados. “Para 43% dos líderes, uma das principais barreiras é a incerteza do ROI devido à falta de dados de qualidade. Portanto, construímos esse caso em conjunto, fazendo perguntas concretas sobre o negócio principal – como e onde gasta mais dinheiro”. Esta abordagem prática não só



MAIS DE 76% DAS ORGANIZAÇÕES CONSIDERAM AGORA A SUSTENTABILIDADE UMA PARTE CENTRAL DA SUA ESTRATÉGIA OU UMA ÁREA DE FOCO IMPORTANTE”

BRUNO MOTA, CEO DA DEVOTEAM PORTUGAL



clarifica os ganhos potenciais como garante o patrocínio executivo necessário para o sucesso, evitando que a sustentabilidade seja vista apenas como centro de custos.

Na sua visão, os maiores erros acontecem quando a sustentabilidade é tratada como uma obrigação de *compliance* isolada, em vez de integrada na estratégia central. Para os evitar, a Devoteam aconselha uma abordagem híbrida: combinar plataformas tecnológicas para a agregação e reporte de dados com soluções personalizadas que criem valor único. O ponto crítico, segundo Bruno Mota, passa por lembrar que “os desafios não são apenas técnicos, mas estão enraizados na gestão da mudança. O nosso papel é ajudar os líderes a construir o caso de negócio, garantir orçamento e capacitar as equipas com as competências necessárias para transformar essa visão em realidade”.

O FUTURO DAS EMPRESAS MEDE-SE EM ESG

Perante a distância que separa a ambição da prática da sustentabilidade em Portugal, as vozes dos vários setores convergem num ponto: “sustentabilidade é valor”. Enquanto alguns convertem dados de sustentabilidade em decisões estratégicas e inovação, outros permanecem na retaguarda, arriscando perder espaço num mercado em rápida transformação.

A regulação e a exigência do mercado não deixam margem para prolongar atrasos. A próxima etapa exige que as empresas portuguesas tratem a sustentabilidade como uma peça-chave do negócio, quantificável e comparável, capaz de orientar investimento, mitigar risco e criar vantagem competitiva. É este movimento – de métricas dispersas para decisões estratégicas – que vai definir a verdadeira maturidade. ■

EPSON®

ECOTANK BUSINESS:

A SOLUÇÃO DE IMPRESSÃO EFICIENTE E RENTÁVEL PARA EMPRESAS

No mundo empresarial atual, a eficiência e a redução de custos são fundamentais para manter a competitividade.



A IMPRESSÃO, embora muitas vezes considerada uma tarefa rotineira, pode representar um gasto significativo se os recursos não forem geridos adequadamente. As impressoras EcoTank Business da Epson oferecem uma solução inovadora que combina poupança em custos, mínimo de manutenção, alta qualidade de impressão e uma garantia estendida de 5 anos (segundo o modelo), tornando-se uma opção ideal para empresas que procuram otimizar os seus processos de impressão.

POUPANÇA EM CUSTOS DE IMPRESSÃO

Uma das principais vantagens das impressoras EcoTank é a sua capacidade de reduzir drasticamente os custos associados à impressão. Graças aos

seus tanques de tinta recarregáveis de alta capacidade, as empresas podem imprimir milhares de páginas com uma única recarga, eliminando a necessidade de adquirir cartuchos tradicionais e reduzindo o custo por página até 95%. Isto traduz-se numa poupança substancial nos custos recorrentes, permitindo às organizações direcionar esses recursos para outras áreas estratégicas.

MÍNIMO MANUTENÇÃO

As impressoras EcoTank foram desenhadas para oferecer um funcionamento sem complicações. O seu sistema de recarga fácil e a sua durabilidade minimizam as interrupções por manutenção ou substituição de consumíveis. Além disso, a tecnologia avançada reduz atascos e outros problemas comuns em impressoras

convencionais, garantindo uma operação fluida e fiável em ambientes empresariais com altas exigências de impressão.

QUALIDADE DE IMPRESSÃO

Apesar do foco na poupança e eficiência, a qualidade não é comprometida. As EcoTank proporcionam impressões nítidas e profissionais, ideais para documentos corporativos, relatórios ou materiais promocionais. A tecnologia PrecisionCore garante cores vibrantes e detalhes precisos, satisfazendo até as necessidades mais exigentes em termos de apresentação visual.

GARANTIA ESTENDIDA

Para oferecer maior tranquilidade às empresas, a Epson apoia as suas impressoras EcoTank com



uma garantia estendida de 5 anos (com registro). Isto cobre possíveis falhas ou avarias durante esse período, assegurando que o investimento seja seguro e que os processos de impressão continuem sem interrupções imprevistas.

ENTREVISTA COM JOSÉ RAMÓN FERNÁNDEZ, BUSINESS MANAGER DE HOME & OFFICE PRINTING DA EPSON IBÉRICA

O que significa para uma empresa integrar as EcoTank nos seus processos de impressão?

Integrar as EcoTank representa dar um passo em direção a uma gestão mais eficiente e económica do processo de impressão. As empresas podem reduzir significativamente os seus custos operacionais, diminuir o tempo dedicado à manutenção e garantir uma qualidade constante em todos os seus documentos. Além disso, contribuem para práticas mais sustentáveis ao reduzir o uso excessivo de cartuchos descartáveis.

Como impacta isto na sustentabilidade ambiental?

As EcoTank usam menos plástico e geram menos resíduos graças aos seus tanques recarregáveis. Além disso, ao reduzir o consumo energético comparado com outras tecnologias laser ou jato de tinta tradicional, ajudam as empresas a cumprir



- José Ramón Fernández -
Business Manager de Home & Office Printing da Epson Ibérica

objetivos ecológicos sem sacrificar desempenho nem qualidade.

Que benefícios adicionais oferece a garantia estendida?

A garantia de 5 anos, após o registo do produto em www.epson.pt/promo-garantia, proporciona

segurança e tranquilidade perante possíveis falhas técnicas. Isto significa menos preocupações com reparações dispendiosas ou substituições inesperadas, permitindo que os equipamentos funcionem sempre ao máximo desempenho durante toda a sua vida útil.

Que recomendações daria a uma empresa que está a considerar adotar as EcoTank?

É importante avaliar o volume mensal de impressão e as necessidades específicas do negócio. As EcoTank são ideais para ambientes com altos volumes devido ao seu baixo custo por página e fiabilidade. Também aconselho planear uma transição gradual para capacitar o pessoal na sua utilização correta

Mais informação em <https://www.epson.pt/PT/ecotank-business-printers> ■

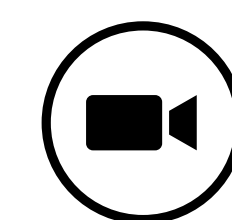


MOBILIDADE EMPRESARIAL: PESSOAS, PROCESSOS & TECNOLOGIA NO NOVO MUNDO DO TRABALHO



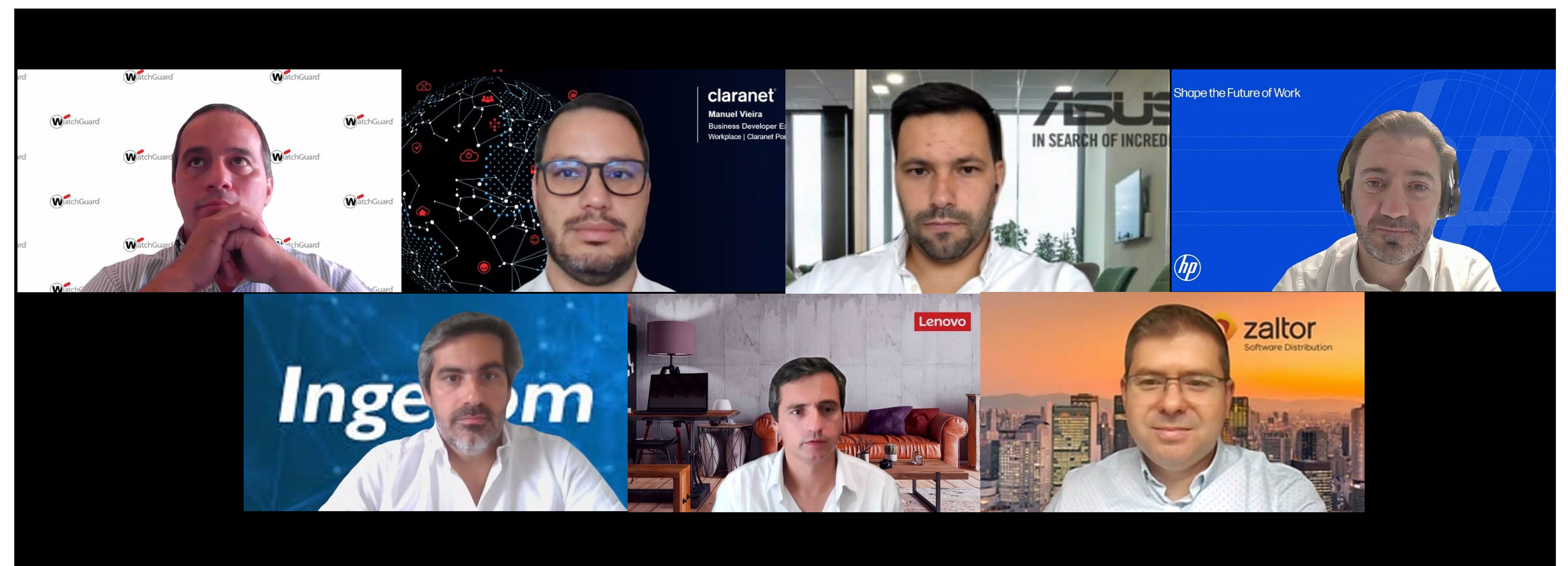
A transformação dos modelos de trabalho, impulsionada pela mobilidade empresarial, esteve em debate numa mesa-redonda promovida pela IT Insight e pelo IT Channel. A discussão contou com as perspetivas estratégicas de representantes da Asus, Claranet Portugal, HP, Ingecom Ignition Portugal, Lenovo, WatchGuard e Zaltor, que analisaram as tendências e os desafios do setor.

FLÁVIA GOMES



PARA VER O VÍDEO CLIQUE SOBRE A IMAGEM

A MODERNIZAÇÃO do local de trabalho digital é uma prioridade estratégica, especialmente em fases de reorganização e aumento de carga de trabalho. Especialistas da indústria têm vindo a debater os principais desafios e soluções nesta área, focando-se em quatro pilares fundamentais: a complexidade da gestão de dispositivos móveis, o desenvolvimento de soluções de *workplace* ágeis, o reforço da segurança informática e a exploração do potencial disruptivo da inteligência artificial para criar sistemas mais integrados e eficientes.





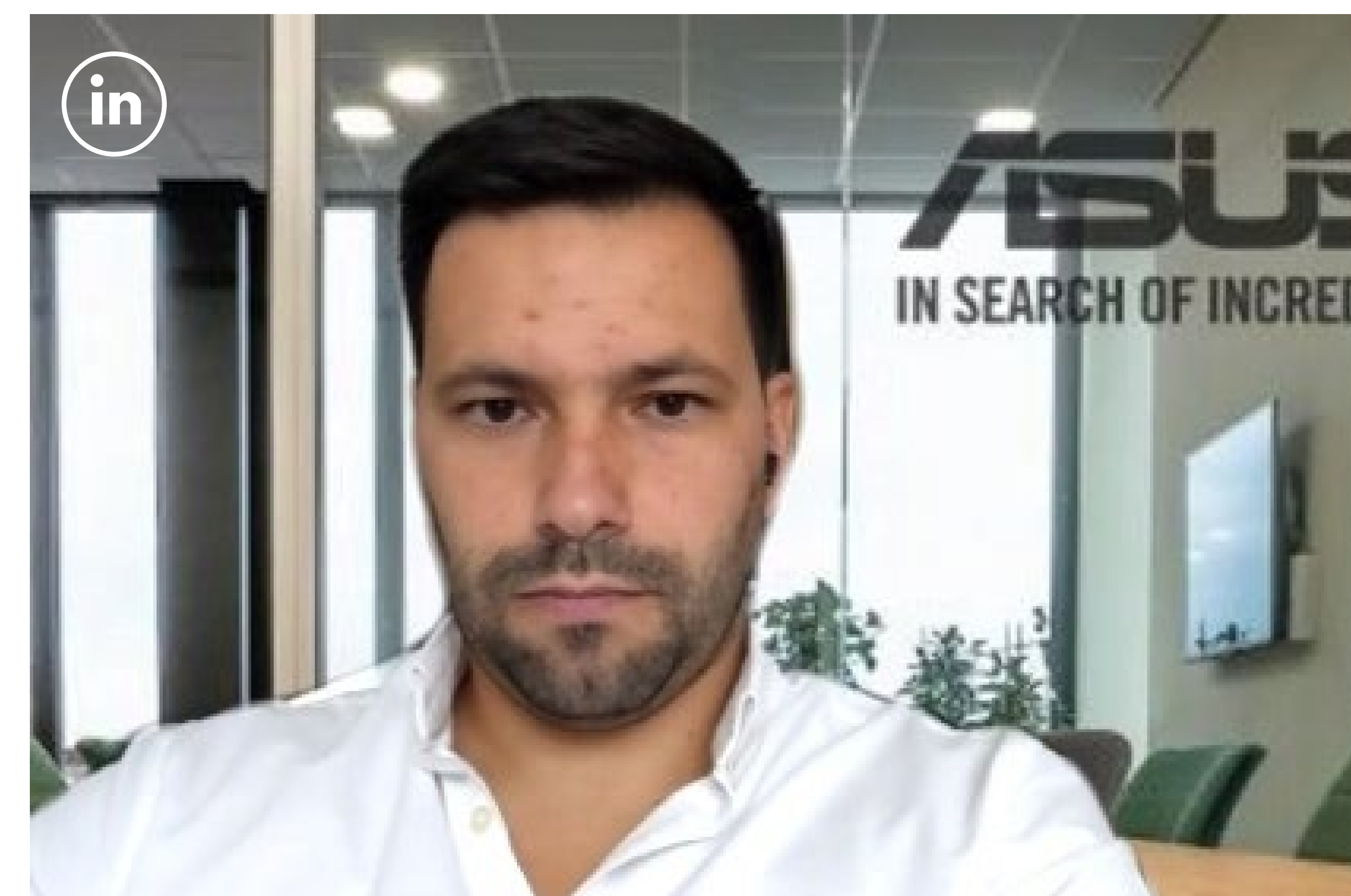
QUE PERCENTAGEM DOS CLIENTES AINDA VÊ A MOBILIDADE COMO 'DAR UM PORTÁTIL AO COLABORADOR' VERSUS UMA ESTRATÉGIA INTEGRADA DE *WORKPLACE*? COMO É QUE ISSO SE REFLETE NOS ORÇAMENTOS?

Nelson Martins, Key Account Manager, Asus: “Quando se fala de mobilidade e do *workplace* atualmente, o ponto essencial já não é só o equipamento. As empresas precisam de oferecer uma solução completa que capacite o colaborador a ser produtivo, a estar seguro, a estar sempre conectado, seja no escritório, seja em casa ou em qualquer outro lugar. É uma área estratégica que tem como objetivo capacitar os trabalhadores a serem produtivos em todos os lugares, de forma segura e eficiente. Esta área tem vindo a evoluir como uma resposta às tendências de trabalho híbrido e remoto”

“

O CICLO DE RENOVAÇÃO VARIA DE EMPRESA PARA EMPRESA, COM O USO QUE É DADO AO COMPUTADOR, COM O DESEMPENHO QUE É ESPERADO DA MÁQUINA, COM AS TAREFAS QUE SÃO NECESSÁRIAS EXECUTAR”

NELSON MARTINS, KEY ACCOUNT MANAGER, ASUS



– Nelson Martins, Asus –



Manuel Vieira, Business Developer Expert, Claranet Portugal: “As PME estão sempre muito focadas num contexto de entrega de equipamento que vá ao encontro das funções do colaborador e que traga alguma satisfação para o mesmo. Já **as empresas de maior dimensão pensam na componente *workplace*, não só focada no dispositivo, mas no dispositivo e em todos os acessórios, sejam eles de hardware ou componentes de serviços**”



– Rui Gouveia, Lenovo –

Rui Gouveia, Channel Sales Manager, Lenovo: “A percentagem de empresas que olham para a mobilidade como a mudança de algum dispositivo ainda é grande. Essa mobilidade é uma visão um pouco limitada e tem também ela um investimento limitado, sem uma estratégia verdadeira de acesso à rede corporativa. **A estratégia está muito relacionada com a visão da empresa sobre se a mobilidade favorece ou não a produtividade. O tema ainda é um debate.** Há muitas empresas portuguesas que veem a produtividade a cair e estão a dar passos atrás em relação ao trabalho remoto”

“TENDO POR BASE OS NÚMEROS PRESENTES NA EUROPA, DIRIA QUE [O CICLO MÉDIO DE RENOVAÇÃO DE EQUIPAMENTOS] SERÃO DOIS, TRÊS ANOS PARA SMARTPHONES, E ENTRE QUATRO E SEIS ANOS PARA PORTÁTEIS E DESKTOPS”

RUI GOUVEIA, CHANNEL SALES MANAGER, LENOVO



António Correia, Area Sales Manager, WatchGuard: “Vemos que as empresas de maior dimensão já têm uma estratégia, já veem a parte da segurança como algo que tem de estar incluída e pensada de raiz. A verdade é que nos deparamos muitas vezes com clientes que não têm esta sensibilidade e que pensam que é simplesmente ter um computador, uma VPN e está tudo resolvido. Mas vemos cada vez mais clientes – e aqui há muito trabalho dos parceiros tecnológicos que apoiam os clientes a fazer essa passagem – a terem noção de que com a mobilidade abre-se muito mais a superfície de ataque. É muitíssimo importante ter uma solução TDR, uma solução de proteção de identidade. Notamos cada vez mais a adoção de soluções de SASE”

Victor Bighetti, PreSales Engineer, Zaltor: “Notámos que as grandes empresas já possuem alguma estratégia integrada de *workplace*, enquanto as pequenas e médias empresas ainda estão no processo de evangelização. Há um grande trabalho pela frente para evangelizar os que têm poder de decisão de que não é apenas por entregar um portátil ou o facto de o colaborador não estar dentro das suas instalações físicas que existe mobilidade. Nós entendemos que a mobilidade envolve pontos para garantir um ecossistema completo - um ecossistema seguro. Pontos como um acesso remoto, uma gestão centralizada dos *endpoints*, a parte dos acessos, a autenticação forte e controle de identidade são pontos necessários”



QUE MÉTRICAS DE PRODUTIVIDADE É QUE AS EMPRESAS PORTUGUESAS ESTÃO REALMENTE A MEDIR NO WORKPLACE HÍBRIDO?

Nuno Cordeiro, Workplace Services and Solutions Business Manager, HP: “Entendemos que a produtividade do modelo híbrido vai muito mais além das tarefas concluídas. As empresas já começam a avaliar atualmente outros tipos de indicadores, não só apenas a nível dos equipamentos, se estão funcionais ou não, mas também o tempo de inatividade dos colaboradores devido a falhas de tecnologia. Quando falham, o tempo que estão sem produzir para a empresa é importante, e essa medida é importante para que se possam evitar esse tipo de situações. Outro ponto é a satisfação dos utilizadores com os dispositivos com que trabalham: se um utilizador não está satisfeito com os equipamentos de tecnologia, a produtividade não vai ser a melhor”



– Nuno Cordeiro, HP –

“A ABORDAGEM QUE TEMOS ESTADO A FAZER ÀS EMPRESAS NO MERCADO PORTUGUÊS TEM SIDO EXTREMAMENTE BEM ACEITE E REALMENTE É UMA VISÃO QUE AS EMPRESAS ESTÃO A VER AGORA DE FUTURO”

NUNO CORDEIRO, WORKPLACE SERVICES AND SOLUTIONS BUSINESS MANAGER, HP



COM O AUMENTO DO TRABALHO REMOTO, COMO É QUE AS EMPRESAS ESTÃO A LIDAR COM A GESTÃO DE IDENTIDADES E ACESSOS? QUE SOLUÇÕES FALHAM MAIS?



– António Correia, WatchGuard –

António Correia, WatchGuard: “Vê-se cada vez mais essa preocupação. A maior parte dos ataques que são noticiados e que vemos acontecer, em alguma altura, passam por um roubo de credenciais. Sentimos que as empresas estão cada vez mais sensíveis a isso. **O que vejo muitas vezes é que não se assume o compromisso com a força com que se devia assumir, ou seja, pensamos muito bem, já estamos convencidos de que isto é uma necessidade, mas vamos só pensar em quem tem acesso a sistemas mais críticos.** A verdade é que, normalmente, quem ataca procura sempre o elo mais fraco”

“O QUE CONSIDERO ESSENCIAL NAS EMPRESAS É, MAIS DO QUE COMEÇAR PELA TECNOLOGIA, COMEÇAR POR UMA POLÍTICA DE SEGURANÇA COM PÉS E CABEÇA, OU SEJA, DEFINIR MUITO BEM O QUE EXISTE E QUE TIPO DE TECNOLOGIA NOS VAI AJUDAR A PRECAVER OS ATAQUES”

ANTÓNIO CORREIA, AREA SALES MANAGER, WATCHGUARD



Victo Bighetti, Zaltor: “A gestão de identidades e acesso tornou-se um dos maiores desafios para as equipas de IT e para as empresas porque passa por garantir que quem está a aceder é realmente aquela pessoa, que os dados são corretos, que as permissões estão corretas e que tudo vai funcionar. Esta questão não vem de um funcionário que está dentro das instalações – sobre quem é mais fácil ter esse controlo –, mas de um funcionário que está em trabalho remoto”

“HÁ UM GRANDE TRABALHO PELA FRENTE PARA EVANGELIZAR OS QUE TÊM PODER DE DECISÃO DE QUE NÃO É APENAS POR ENTREGAR UM PORTÁTIL OU O FACTO DE O COLABORADOR NÃO ESTAR DENTRO DAS SUAS INSTALAÇÕES FÍSICAS QUE EXISTE MOBILIDADE”

VICTOR BIGHETTI, PRESALES ENGINEER, ZALTOR



– Victor Bighetti, Zaltor –

Pedro Madeira, Cybersecurity Business Developer Manager, Ingecom Ignition Portugal: “A gestão de identidades e acessos passou de ser apenas uma questão técnica para ser adotada quase como uma estratégia de negócio. Atualmente assiste-se à implementação de soluções como o MFA, o Zero Trust, os IAM, os EDR, e é muito por aqui que as empresas protegem as infraestruturas. Um dos desafios para as empresas passa por tentar agregar todas as soluções para que a gestão das ferramentas seja mais simples. Outro desafio é a integração de infraestruturas *legacy* que não suportam este tipo de soluções mais modernas”



QUAL É O CICLO MÉDIO DE RENOVAÇÃO DE HARDWARE QUE ESTÃO A VER NO MERCADO PORTUGUÊS? COMO JUSTIFICAM AS ATUALIZAÇÕES DE EQUIPAMENTOS FACE À PRESSÃO NOS ORÇAMENTOS?

Rui Gouveia, Lenovo: “Tendo por base os números presentes na Europa diria que serão dois, três anos para smartphones, e entre quatro e seis anos para portáteis e *desktops*, um pouco menos para portáteis, mais para *desktops*. Obviamente depende muito do nível de maturidade da empresa e depende das áreas em que estamos a falar, por exemplo, áreas de tecnologia, *software houses*, *developers*, banca, tendem a renovar equipamentos mais frequentemente, diria até três anos, e outras áreas, como administração pública ou indústria, estendem mais o ciclo de vida dos equipamentos”

Nelson Martins, Asus: “O ciclo de renovação varia de empresa para empresa, com o uso que é dado ao computador, com o desempenho que é esperado da máquina, com as tarefas que são necessárias executar e tendo em conta o que é possível fazer com a integração da inteligência artificial e o plano de desenvolvimento tecnológico que existe dentro de cada empresa. Como é que isto se alinha dentro daquilo que são os orçamentos disponíveis? Aquilo que temos observado é que **as empresas querem modernizar-se, muitas sem aumentarem os investimentos, mesmo quando já estão identificadas essas necessidades e esses custos**”





QUE TIPO DE PROJETOS DE WORKPLACE TÊM MAIOR TAXA DE APROVAÇÃO PELOS DIRETOS FINANCEIROS NESTE MOMENTO? PORQUÊ?

Victor Bighetti, Zaltor: “Temos de tentar demonstrar aos diretores financeiros que essas aplicações são justamente para tentar reduzir um risco operacional, um risco que não é nem mensurável. Por exemplo, dependendo do risco, **um ataque pode culminar no fim daquela empresa. É aí que entramos para tentar demonstrar aos diretores financeiros que é válido o investimento.** Ou seja, tudo o que ajude na gestão de IT para reduzir falhas de segurança, para garantir a produtividade em ambientes remotos ou híbridos, com o menor investimento possível, temos a certeza de que será aprovado”

Pedro Madeira, Ingecom Ignition Portugal: “Os exercícios com maior taxa de aprovação são aqueles que combinam eficiência operacional, a segurança digital e o retorno de investimento. Destacaria a automação de processos com inteligência artificial, que acaba sempre por reduzir os custos operacionais, aumentando a produtividade das equipas. A verdade é que este tipo de projetos, quando bem vendidos pelas áreas de IT aos departamentos financeiros, acabam por ter aqui um ciclo de decisão rápido, porque existe o tal retorno de investimento, ainda que aos olhos do IT e do financeiro o mesmo seja diferente”



COM A EXPANSÃO DO PERÍMETRO DIGITAL ATRAVÉS DA MOBILIDADE, DISPOSITIVOS PESSOAIS E LIGAÇÕES REMOTAS, QUE DESAFIOS ACRESCIDOS DE SEGURANÇA ESTÃO A SURTIR? É NECESSÁRIO EVOLUIR PARA MODELOS COMO ZERO TRUST, SASE OU PROTEÇÃO DE ENDPOINT BASEADA EM IA?

Pedro Madeira, Ingecom Ignition Portugal: “A evolução para este tipo de modelos é quase uma necessidade estrutural. A expansão do perímetro digital, o *bring your own device*, as aplicações de *software as a service* e o próprio trabalho remoto em si acabam por desmantelar o conceito tradicional que tínhamos da segurança perimetral. O que num passado recente era uma muralha à volta da empresa, hoje é uma rede distribuída, muito dinâmica e altamente vulnerável. As superfícies de ataque estão muito mais fragmentadas e muitas vezes invisíveis. Os ataques de *phishing* estão na ordem do dia e também as aplicações não autorizadas e a falta de ferramentas que nos deem resposta em tempo real. Esses são os maiores desafios que as empresas têm”



– Pedro Madeira, Ingecom Ignition Portugal –

“ OS EXERCÍCIOS COM MAIOR TAXA DE APROVAÇÃO SÃO AQUELES QUE COMBINAM EFICIÊNCIA OPERACIONAL, A SEGURANÇA DIGITAL E O RETORNO DE INVESTIMENTO ”

PEDRO MADEIRA, CYBERSECURITY BUSINESS DEVELOPER MANAGER, INGECOM IGNITION PORTUGAL



António Correia, WatchGuard: “Vai acelerar e alargar brutalmente a superfície de ataque e aumentar os pontos de entrada, mas estes tipos de tecnologias vêm ajudar. O que considero essencial nas empresas é, mais do que começar pela tecnologia, começar por uma política de segurança com pés e cabeça, ou seja, definir muito bem o que existe e que tipo de tecnologia nos vai ajudar a precaver os ataques. A WatchGuard tem uma componente fortíssima na ajuda da implementação de zero-trust que classifica 100% das aplicações e só permite executar o que tem a certeza que é bom. Através do machine learning conseguimos garantir que entregamos este resultado num espaço de segundos”

AO FALAR DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO LOCAL DE TRABALHO, QUE APLICAÇÕES PRÁTICAS ESTÃO A IMPLEMENTAR NOS VOSSOS CLIENTES E COM QUE RESULTADOS?

Manuel Vieira, Claranet Portugal: “Na Claranet Portugal temos feito uma aposta muito grande em inteligência artificial, inclusivamente temos uma *practice* só dedicada a Inteligência Artificial, - *practice Data and AI* –, e desde o momento em que o Copilot surgiu no mercado, também atuamos e decidimos estar junto da Microsoft para poder ajudar os nossos clientes e também internamente utilizarmos e adaptarmos estas novas ferramentas”

Nuno Cordeiro, HP: “A IA, para além da automatização de todas as tarefas, também já nos ajuda na análise do próprio sentimento dos colaboradores. Na HP temos uma plataforma de DEX suportada pela IA que é o Workforce Experience Platform, onde já conseguimos efetuar inúmeras tarefas com a ajuda da IA, como recomendar dispositivos e aplicações com base no perfil dos colaboradores, das empresas, e antecipar os problemas antes que se tornem críticos para os colaboradores e para a empresa”



Rui Gouveia, Lenovo: “Há inúmeras aplicações, desde a colaboração, produtividade também, assistentes virtuais, automação de tarefas, ferramentas de ajuda na escrita, gestão de projetos, otimização de fluxos, etc. Já assistimos a esta realidade nas empresas e no posto de trabalho, com diferentes graus de maturidade. Alguns clientes já utilizam ferramentas, às vezes sem se aperceberem, porque muitas estão ligadas à segurança”

Nelson Martins, Asus: “A Asus tem investido bastante em inteligência artificial, não só a nível dos produtos, neste caso do hardware, mas também a nível de software. Isso significa que a inteligência artificial não está presente apenas nos produtos, mas sim em toda a solução, em todo o ecossistema que pretendemos apresentar. Alguns exemplos práticos que estamos a implementar nos nossos clientes são precisamente os computadores e software com inteligência artificial. Os nossos computadores já estão equipados com os processadores, com as tais unidades de processamento neural, os tais NPU”

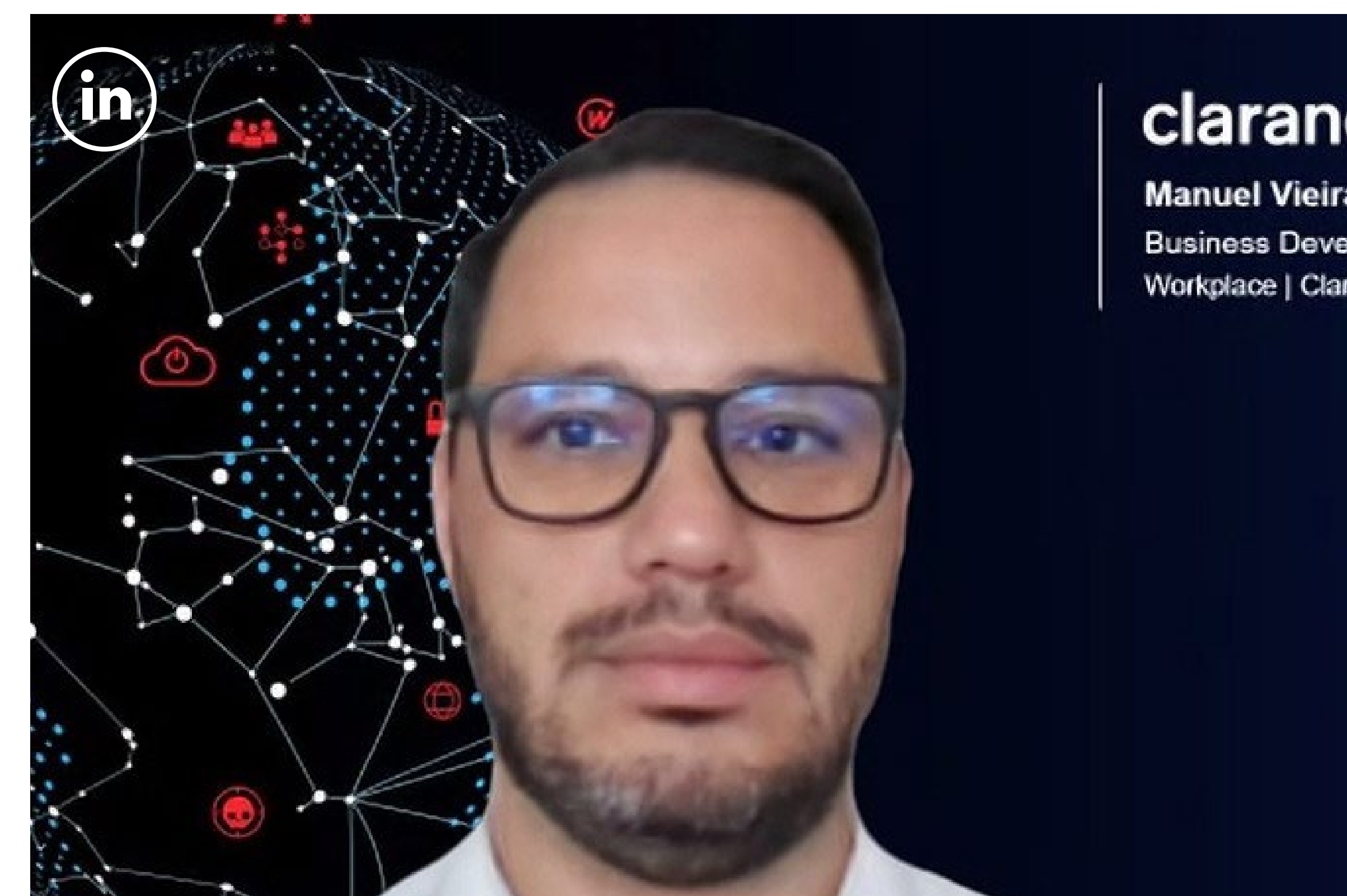




SE TIVESSEM DE ACONSELHAR UM DIRETOR DE TECNOLOGIA PORTUGUÊS A INVESTIR APENAS NUMA ÁREA DE WORKPLACE NOS PRÓXIMOS 12 MESES, QUAL SERIA E PORQUÊ?

Nuno Cordeiro, HP: “Na área do Digital Employee Experience, e agora com a plataforma do Workforce Experience Platform, é algo disruptivo de tudo o que tem estado a ser feito um pouco no mercado. A abordagem que temos estado a fazer às empresas no mercado português tem sido extremamente bem aceite e realmente é uma visão que as empresas estão a ver agora de futuro, ou seja, uma plataforma que tenha a capacidade de ser um facilitador e não mais uma barreira, tanto para as equipas de suporte de IT, como para os colaboradores”

Manuel Vieira, Claranet: “Se for uma pequena média empresa, a nossa sugestão passa essencialmente por criar um *roadmap* de evolução para o IT que esteja 100% alinhado com o negócio. Este é um dos pontos fundamentais que deve começar com um diagnóstico profundo daquilo que existe, daquilo que o negócio necessita e de que forma é que o IT pode ajudar o negócio a crescer e a solidificar. Para uma entidade que já tem uma maturidade elevada, aquilo que gostaríamos de desafiar é, durante estes 12 meses, investirem em experimentação de inteligência artificial no *workplace*” ■



– Manuel Vieira, Claranet Portugal –

“AS PME ESTÃO SEMPRE MUITO FOCADAS NUM CONTEXTO DE ENTREGA DE EQUIPAMENTO QUE VÁ AO ENCONTRO DAS FUNÇÕES DO COLABORADOR E QUE TRAGA ALGUMA SATISFAÇÃO PARA O MESMO”

MANUEL VIEIRA, BUSINESS DEVELOPER EXPERT, CLARANET PORTUGAL

claranet®

POR TIAGO BARRETO,
Industry & Utilities Director, Claranet Portugal

CONSTRUIR A INDÚSTRIA DO FUTURO: A TECNOLOGIA COMO MOTOR DA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

*A **indústria** transformadora (metalurgia, têxtil, química, alimentar e automóvel) ocupa uma posição central no debate sobre intensidade energética, consumo de recursos naturais e geração de resíduos, que fazem desta **indústria**, simultaneamente, parte do problema e parte essencial da solução.*

A TRANSIÇÃO ENERGÉTICA traz a estes setores o desafio de repensar processos, adotar novas **tecnologias** e cumprir objetivos ambientais que, além de regulatórios, são também exigências de parceiros, investidores e da sociedade em geral.

Portugal tem feito avanços relevantes no campo da sustentabilidade, com metas alinhadas ao Pacto Ecológico Europeu (Green Deal) e à Estratégia Portugal 2030. Este ano, por

exemplo, 79.3% da eletricidade consumida no país foi garantida por fontes renováveis, consolidando a sua posição como referência europeia na adoção de energias limpas. Este avanço reforça a estabilidade energética, reduz a dependência de importações e cria condições para uma **indústria** mais circular, eficiente e resistente.

A **indústria** transformadora, como setor-chave da economia nacional, tem desempenhado um papel



- Tiago Barreto -
Industry & Utilities Director, Claranet Portugal

A INDÚSTRIA TRANSFORMADORA, COMO SETOR-CHAVE DA ECONOMIA NACIONAL, TEM DESEMPENHADO UM PAPEL DECISIVO NESTA TRANSIÇÃO, ADOTANDO TECNOLOGIAS PARA MELHORAR A EFICIÊNCIA, REDUZIR OS IMPACTOS AMBIENTAIS E REFORÇAR O SEU CONTRIBUTO SOCIAL.

decisivo nesta transição, adotando *tecnologias* para melhorar a eficiência, reduzir os impactos ambientais e reforçar o seu contributo social.

Mas, mesmo que avançada nesta matéria, enfrenta ainda desafios significativos na transição energética. O elevado consumo energético (por exemplo, nos setores da metalurgia, cerâmica e papel), as fortes emissões de gases com efeito de estufa e a geração de resíduos industriais fazem parte das dificuldades.

Outros desafios, como a pressão regulatória, através da Taxonomia da União Europeia e dos critérios ESG, as práticas de greenwashing e as exigências crescentes da sociedade e dos mercados tornam-se também particularmente

sensíveis num contexto de concorrência global e mercados desregulados, onde as exigências ambientais nem sempre são partilhadas de forma equitativa.

Conciliar objetivos climáticos com crescimento económico permanece, assim, um exercício de equilíbrio delicado.

A TECNOLOGIA COMO MOTOR DA SUSTENTABILIDADE

A resposta a este dilema passa, inevitavelmente, pela adoção da *tecnologia*, que se tornou o vetor central para viabilizar e medir práticas sustentáveis. Atualmente, há já um conjunto de tecnologias que permitem avaliar, otimizar e trans-

formar operações *industriais*, entre as quais se destacam:

- **Internet of Things (IoT) e Edge Computing**, que monitorizam em tempo real consumos energéticos, emissões e desempenho de equipamentos. Sistemas *industriais* baseados nestas tecnologias podem reduzir o consumo energético, diminuindo o tempo de paragem de máquinas e melhorando a utilização de recursos.

- **Data Analytics e Inteligência Artificial**, capazes de prever falhas, otimizar processos e reduzir desperdícios. Em ambiente fabril, algoritmos de deep learning são eficazes na previsão de

CONCILIAR COMPETITIVIDADE, CRESCIMENTO ECONÓMICO E COMPROMISSO CLIMÁTICO É UM DOS MAIORES DESAFIOS DO NOSSO TEMPO.

consumo energético, o que se traduz em ganhos operacionais.

- **Automação e Robótica**, que aumentam a eficiência operacional, reforçam a *Segurança* e permitem a inclusão humana no processo. Tecnologias como os “cobots”, por exemplo, otimizam processos de montagem e reduzem o desperdício de peças no processo.

- **Rastreabilidade digital**, que permite garantir cadeias de fornecimento éticas e sustentáveis. Através de blockchain, por exemplo, a indústria já pode rastrear o uso de matérias-primas recicladas, uma prática crescente nos setores automóvel e têxtil.

- **Tecnologias verdes**, como as fontes de energia renovável (solar, eólica, biomassa), as soluções de

tratamento e reutilização de água, que permitem a redução de carbono.

Estas *tecnologias* são catalisadores de competitividade e sustentabilidade, ao reduzir custos, aumentar a produtividade e alinhar a *indústria* com as metas europeias.

O PAPEL DOS PARCEIROS TECNOLÓGICOS NA DIGITALIZAÇÃO SUSTENTÁVEL

A digitalização sustentável ainda não é uma realidade acessível a todas as organizações. Muitas enfrentam obstáculos culturais, técnicos e financeiros. É neste ponto que os parceiros tecnológicos ganham particular relevância.

Além de fornecedores de soluções, são facilitadores da transformação. Ajudam a assegurar a conformidade com critérios ESG, reduzir a pegada

de carbono, melhorar a eficiência operacional, mitigando riscos ambientais e reputacionais com segurança digital, e a responder de forma ágil à regulação. Assumem, portanto, o papel de acelerar a digitalização *industrial*, alinhando inovação e compromisso ambiental.

Conciliar competitividade, crescimento económico e compromisso climático é um dos maiores desafios do nosso tempo. E a *indústria* portuguesa só poderá responder de forma eficaz se combinar resiliência e eficiência, apoiada por uma visão de longo prazo e pelo contributo da *tecnologia*.

Mais do que diferencial competitivo, trata-se de uma condição essencial para construir um modelo industrial preparado para os desafios do futuro - um modelo que se quer sustentável, seguro, competitivo e capaz de gerar valor para a economia e para a sociedade. ■



MOBILIDADE E TRANSFORMAÇÃO DO LOCAL DE TRABALHO: A NOVA ERA DA EXPERIÊNCIA DIGITAL

A transformação do local de trabalho deixou de ser uma tendência para se tornar uma urgência estratégica.

NUM CONTEXTO MARCADO pela digitalização acelerada, modelos híbridos e exigências crescentes dos colaboradores, a mobilidade empresarial e a adoção de tecnologias como os HP AI Next Gen PCs e plataformas como a Workforce Experience Platform (WXP) estão a redefinir o futuro do trabalho. Portugal não é exceção: as organizações estão a reposicionar-se para responder a este novo paradigma, onde produtividade, segurança e bem-estar se cruzam com inovação e inteligência artificial.

A mobilidade empresarial evoluiu. Já não se trata apenas de permitir o trabalho remoto, mas de garantir que este seja eficaz, seguro e centrado nas pessoas. Segundo o estudo recente Work Relationship Index da HP, apenas 27% dos colaboradores afirmam ter uma relação saudável com



A MOBILIDADE EMPRESARIAL, ESTÁ TAMBÉM A TRANSFORMAR A FORMA COMO AS EMPRESAS RECRUTAM, RETÊM TALENTO E ORGANIZAM OS SEUS PROCESSOS. A IA SURGE COMO CATALISADOR DESTA MUDANÇA, PERMITINDO EXPERIÊNCIAS PERSONALIZADAS, PLATAFORMAS DE APRENDIZAGEM ADAPTATIVAS E SUPORTE TÉCNICO DISPONÍVEL 24/7.

o seu ambiente de trabalho, e 73% sentem que não têm as ferramentas tecnológicas adequadas para serem produtivos. Esta realidade exige uma resposta robusta e personalizada.

É neste contexto que surgem os AI Next Gen PCs, dispositivos equipados com unidades de processamento neural (NPUs) capazes de executar modelos de linguagem diretamente no equipamento, sem necessidade de recorrer à cloud. Esta abordagem traz ganhos significativos em termos de privacidade, velocidade e eficiência energética. Em Portugal, modelos como o EliteBook X Flip G1i e o EliteBook X G1a já estão a ser integrados em estratégias empresariais, com destaque para setores como saúde, retalho e educação. Complementarmente, a Workforce Experience Platform (WXP) da HP representa uma nova abordagem à gestão da experiência digital dos colaboradores. Através de dados em tempo real, automação e IA, a plataforma permite atribuir perfis personalizados, prever falhas, reduzir tickets e otimizar recursos de TI. Os resultados são claros: até 40% de redução nos custos de renovação de PCs e um aumento significativo na satisfação dos colaboradores.

A nível nacional, o plano estratégico para 2025 reforça esta aposta. A transformação do local de trabalho é uma prioridade, com foco na renovação da base instalada, ativação de workshops sobre o futuro do trabalho e promoção de casos de uso de IA. O objetivo é claro: liderar a mudança, capitalizando o portefólio de AI PCs e soluções como a WXP para criar ambientes de trabalho mais inteligentes, seguros e humanos.

A mobilidade empresarial, está também a transformar a forma como as empresas recrutam, retêm talento e organizam os seus processos. A IA surge como catalisador desta mudança, permitindo experiências personalizadas, plataformas de aprendizagem adaptativas e suporte técnico disponível 24/7.

A transformação do local de trabalho não é apenas tecnológica — é cultural. Exige uma visão centrada nas pessoas, suportada por ferramentas inteligentes e estratégias bem definidas. Em Portugal, a convergência entre mobilidade, IA e plataformas como a WXP está a abrir caminho para uma nova era da experiência digital. Uma era onde o trabalho é mais fluido, mais seguro e, acima de tudo, mais humano. ■



**“ENTENDEMOS QUE A
INOVAÇÃO DIGITAL PASSA
POR IA, MAS O QUE NÃO
PODE ACONTECER É QUE
SEJA FEITA À CUSTA DA
SEGURANÇA”**

Bruno Castro, Founder & CEO da VisionWare, aborda em entrevista o estado atual da cibersegurança e da inteligência artificial como uma ameaça, desde o “turning point” até às ameaças atuais à forma como as organizações abordam os seus processos.

RUI DAMIÃO

A VISIONWARE ACABOU DE COMPLETAR 20 ANOS E ESTÁ NUMA FASE DE EXPANSÃO INTERNACIONAL, ESPECIALMENTE EM CABO VERDE. QUAL É A LÓGICA ESTRATÉGICA POR TRÁS DESTA APOSTA QUANDO MUITAS EMPRESAS PORTUGUESAS DE TECNOLOGIA SE FOCAM NO MERCADO EUROPEU?

A VisionWare faz 20 anos, mas sempre tivemos o mercado internacional como horizonte. A VisionWare começou em 2005 e, de forma quase instantânea, criámos logo *networking* para saltar para o mercado internacional porque sabíamos que, há 20 anos, o mercado da cibersegurança não era exequível só no mercado nacional.

Cabo Verde foi uma das geografias que abordámos e trabalhámos. Nos primeiros cinco, dez anos, fizemos muitos processos de *fly in, fly out*, em

consórcios e parcerias, muito ligado a consórcios internacionais para a Comissão Europeia, muitas oportunidades de negócio via Ministério da Defesa, que chegámos a ter, depois, como acionista.

Tivemos um projeto através do Banco Mundial de Investimento para auditar e montar o modelo de segurança do Banco Central de Cabo Verde, financiado pelo BMI, via Washington, e aparecemos no radar. Fomos convidados para uma *shortlist* e concorremos a dezenas de concursos internacionais.

Depois de estarmos a trabalhar em Cabo Verde percebemos que o setor financeiro, as telco, o governo e até o tecido empresarial com financiamento ou ligação portuguesa estava muito forte e enraizada em Cabo Verde e, imediatamente, há um *gap* no mercado que achámos que podíamos complementar, que era a área da cibersegurança e do *compliance*.

Diria que passou a ser estratégico porque criámos uma operação física lá

através de um convite do próprio governo na criação dos dois polos – o Techpark que há em São Vicente e em Praia – em que o governo nos desafia, ao fim de sete anos de presença em Cabo Verde, com grande parte do mercado e experiência muito próxima. Passou a fazer parte da nossa estratégia de crescimento, com recrutamento local e formação em Portugal. Hoje, temos uma operação de 40 pessoas em Cabo Verde, distribuídas por dois polos, que são fundamentais para nós. Aliás, quando foi o apagão, a nossa operação de SOC trabalhou 100% através de Cabo Verde.

NO PASSADO, O BRUNO DEFINIU O ATAQUE À VODAFONE, EM 2022, COMO O GRANDE "TURNING POINT" DA CIBERSEGURANÇA EM PORTUGAL. EM 2025, ONDE É QUE ESTÁ PORTUGAL EM TERMOS DE MATURIDADE CIBERNÉTICA? MELHORÁMOS, FICÁMOS APENAS MAIS CONSCIENTES OU ESTAMOS IGUAIS?

Nós que trabalhamos na área da cibersegurança temos a mania de que somos muito inteligentes e muito espertos, sabemos tudo e temos um ego

grande. Diria que a primeira dose de humildade que levei foi o ataque à Vodafone. Se me perguntassem horas antes se era possível uma operadora como a Vodafone, com a maturidade que tem, ter um apagão daqueles em que quatro milhões de pessoas estão em *off* durante horas, diria que é impossível. Começámos a repensar que, aquilo que achávamos que era um nível de maturidade muito sólido, se calhar não era assim tão sólido ou tão resiliente. Começámos a ponderar muito aquilo que tínhamos como critérios de estabilidade e resiliência e solidez na cibersegurança.

Depois começaram a existir ataques sucessivos, altamente disruptivos, em termos de roubo de informação e exposição ou mesmo em termos de disrupção violenta em que caíram serviços. Todas elas foram mais doses de humildade.

Diria que hoje, nós que trabalhamos no setor da cibersegurança, mesmo com 20, 25 anos de experiência no terreno, olhamos para o mundo da cibersegurança e para a gestão de risco, modelos de resiliência, de segurança, de maturidade, com olhos muito mais desconfiados. Não temos tantas certezas como tínhamos antes. Acho que esse paradigma mudou para quem fornece



serviços de cibersegurança. Deixou de haver tantas verdades absolutas, em que se investir ‘x’, vai ter ‘y’ nível de robustez.

Passámos a estar muito mais atentos, através da nossa unidade de *intelligence*, não só à atividade de grupos cibercriminosos conhecidos, mas também ao que eles sabem fazer. Não só àquilo que se passa nos fóruns ou nos meios académicos, mas perceber de forma infiltrada o que é que grupos crimi-

nosos andam a fazer em termos de novos conhecimentos, novas *skills*, novos mecanismos, novos consórcios que montam para perceber o que é que vêm a seguir.

Passado este tempo todo, o mercado hoje, em Portugal, está mais sólido, maduro e robusto? A minha resposta instantânea é sim. Há 25 anos, quando falávamos de cibersegurança era impossível falar sobre isto de uma forma clara para um gestor de topo. Não percebia o investimento, porque era um custo, essencialmente. Estávamos a falar sobre algo que poderia vir a acontecer um dia, talvez. Era tudo muito esotérico, muito difícil de explicar o retorno de investimento.

Hoje já não existe essa conversa com um gestor de topo moderno; ele sabe perfeitamente que tem de ter o seu negócio ou atividade no ciberespaço e sabe perfeitamente os riscos que isso acarreta para o seu negócio e para a sua marca – seja ela da empresa ou pessoal.

Se a pergunta é sobre o nível de robustez das instituições hoje em Portugal, se está mais acima do que era há cinco ou dez anos, sim, claramente. Não é só pelo nível de investimento que fazem em termos de aquisição de infraestrutura ou tecnologia; é muito mais pelos modelos de segurança que montam internamente, o auditar-se a si próprio já não é um tema que melindre. Avaliar o nível de *awareness*, a formação dos colaboradores já é natural e

não há barreiras para isso. Criar restrições à liberdade digital também já não é tema; faz parte. Diria que esses modelos de novas e boas práticas são facilmente distribuídas e são muito premiáveis à gestão de topo e até ao *middle management*.

Acredito que existe uma desproporção grande ainda no nível de maturidade das empresas, daquilo que têm de guardar e proteger dos ativos digitais que estão a pôr no ciberespaço, face à ameaça que existe. Há uma desproporção, mas estamos melhores.

OS ÚLTIMOS DOIS ANOS TÊM SIDO DE GRANDE REVOLUÇÃO REGULAMENTAR, COM A ENTRADA EM VIGOR DA NIS2 E DA DORA. AS EMPRESAS PORTUGUESAS ESTÃO PREPARADAS PARA ESTES NOVOS REQUISITOS OU VAMOS ASSISTIR A UMA AVALANCHE DE INCUMPRIMENTOS?

Por um lado, vejo que estes normativos e obrigações – e já vem desde o tempo do RGPD – vêm acrescentar valor. Não sou daqueles que diz que ‘há mais uma obrigação e mais um conjunto de normativos, de leis e de obrigações’ e temos de cumprir as *checklists*. Vejo isso como uma necessidade para criar um ecossistema coerente e uniforme entre todos.

Em alguns setores de indústria, temos de cumprir requisitos para estar naquele setor, se não somos expulsos daquele ecossistema. Não é nada de novo. O que me parece é que estas novas regulações – o DORA, a NIS2, o AI Act, RGPD – vêm tornar tangíveis alguns critérios de segurança mínimos que temos de ter para viver no ciberespaço de forma coerente em que não estou a ameaçar o meu colega do lado. Não vejo isso como um problema.

“

A NIS2 PARECE-ME QUE SERÁ O TEMA DA MODA. A ISO 27001 CONTINUA A SER A BASE E CONTINUAMOS A USAR ISSO COMO BASE DE GOVERNAÇÃO, E EXTRAÍMOS DAÍ A ESTRUTURA NECESSÁRIA”

A abordagem que está a ser colocada em cima da mesa mais uma vez – aconteceu com o RGPD e irá acontecer com o NIS2 também – é um alarmismo generalizado porque se não cumprir uma determinada lei vou ter coimas e vou ser perseguido. Acho que esse conceito está mal contado e deve ser invertido, deve ser *bottom-up*, ou seja, monto o meu modelo de segurança na minha organização, esteja em que setor estiver, adequado à minha atividade e daí extraio tudo o que são critérios para responder à NIS2, ao RGPD, ao DORA, ao que for.

UMA PEQUENA EMPRESA QUE EVENTUALMENTE NÃO TENHA DE CUMPRIR COM A NIS2 PODE UTILIZAR A REGULAÇÃO QUE VAI SER TRANSPOSTA PARA A LEI NACIONAL COMO UMA ESPÉCIE DE *FRAMEWORK* PARA AUMENTAR A SUA RESILIÊNCIA?

A pergunta é bastante interessante porque é-nos colocada várias vezes. Temos clientes que não estão abrangidos pela NIS2 e perguntam se a devem seguir. A minha resposta tipicamente é: ‘bem, primeiro vamos montar um modelo de segurança, de governação do vosso setor e eventualmente vamos alinhar com a NIS2’. Isto porque a probabilidade de os parceiros dessa empresa terem de cumprir a NIS2, e de obrigarem os seus próprios parceiros a apre-



sentar critérios e evidências de que também cumprem a NIS2 para estarem a falar a mesma linguagem, é alta.

Já o fazemos há muitos anos, mesmo quando o tema era ISO 27001, já o fazíamos e alinhávamos a empresa. Há uma necessidade de ser certificado, mas, se tiverem modelos de governação ‘à la’ ISO 27001, e se estiver bem sólida, em qualquer parceiro, cliente ou fornecedor do meu ecossistema a

quem tenha de prestar contas sobre a minha maturidade para comunicar com ele no futuro, posso mostrar um modelo de defesa que é tangível, reconhecido e uma referência.

A NIS2 parece-me que será o tema da moda. A ISO 27001 continua a ser a base e continuamos a usar isso como base de governação, e extraímos daí a estrutura necessária de critérios para responder à NIS2, acrescentamos outros controlos. Diria que uma PME, se nós formos o CISO, vamos claramente garantir que o modelo de governação, em primeira instância, está adequado ao negócio e iremos fazer o caminho para ser *compliant* com NIS 2.

NO ÚLTIMO ANO, A VISIONWARE PUBLICOU O RELATÓRIO “A ANATOMIA DE UM DEEPFAKE”. NAS PALAVRAS DO BRUNO, ESTAS TECNOLOGIAS SÃO “MAIS CONVINCENTES E DIFÍCEIS DE DETETAR”. QUE TIPO DE ATAQUES ESTÃO A VER NO TERRENO E COMO É QUE AS EMPRESAS PORTUGUESAS SE PODEM PREPARAR PARA ESTA REALIDADE?

A questão dos *deepfakes* vai ser um dos grandes desafios na área do cibercrime. Os *deepfakes* de voz, associados a esquemas ‘olá mãe, olá pai’ já com voz envolvida, vai ser um tema para os próximos anos muito mais do que é o phishing.

Com o deepfake com voz – e no futuro com voz e imagem –passamos a ter de desconfiar daquilo que ouvimos e vemos. Vai ser ultra disruptivo nos nossos mecanismos de risco. Ter de explicar a um filho que aquilo que ouve e vê tem de ser desconfiado, ou uma pessoa mais idosa, ou até mesmo uma pessoa formada, vai ser difícil explicar que, quando ouvir a voz de alguém, que não é aquela pessoa.

Ataques feitos com deepfake são, tipicamente, ataques personalizados. O esforço envolvido de um grupo criminoso é elevado porque têm de fazer um deepfake de alguém e têm de criar uma estrutura, um contexto de fraude por trás. Isso envolve esforço, tempo e dinheiro. Do ponto de vista financeiro ou económico, tem de haver retorno para o grupo criminoso.

Como é que as pessoas e as empresas se podem proteger? Vou dizer um cliché, mas é *awareness*, informação, explicar o que é um deepfake e como é fácil fazer isso. Como é que, em termos práticos, um CISO implementa regras para combater ações de fraude baseadas em deepfake? Com *compliance*, é com regras e procedimentos.

Houve um caso de um CFO, que foi estudado, e perceberam que estava de férias através das redes sociais da sua família e é feito um deepfake a dizer ‘estou de férias, como sabe estamos a fazer um processo de *due diligence* à empresa ‘z’. Não consigo falar aqui através da operadora nacional, comprei um cartão pré-pago na Tailândia e este é o meu número a partir de agora.

“HÁ UMA TENDÊNCIA PARA QUE AS SOLUÇÕES QUE VÊM COM IA TENHAM ALGUMAS REGALIAS, NOMEADAMENTE PASSAR AO LADO DO CHAPÉU DA SEGURANÇA”

Aquela ordem que tínhamos pensado em fazer é para fazer, dois milhões de euros, vamos avançar com a compra’.

Mandaram esse áudio direto. Todo o contexto fazia sentido. Havia uma história de origem, ele estava de férias, a voz era dele e a operação fazia sentido. Foi executada quase até ao fim. Quando é que foi interrompida: a pessoa de *compliance*, quando foi para fazer a operação de transferência bancária, disse que há um processo interno que diz que operações acima de sete dígitos têm de ser aprovadas presencialmente pelo CFO.

TAMBÉM TEM ALERTADO QUE “O MALWARE GERADO POR IA É SIGNIFICATIVAMENTE MAIS PERIGOSO”. AO MESMO TEMPO, A IA É FUNDAMENTAL PARA A DEFESA DAS ORGANIZAÇÕES. COMO É QUE SE EQUILIBRA ESTA EQUAÇÃO? A CORRIDA ARMAMENTISTA CIBERNÉTICA ESTÁ A SER GANHA POR QUEM ATACA OU POR QUEM DEFENDE?

Entendemos que a inovação digital vai passar pela inteligência artificial. O que não pode acontecer é que seja feita à custa da segurança. O que temos

visto é que há uma corrida desenfreada à procura da solução milagrosa para o negócio através de IA e há uma sensação de que, se não utilizo IA, morro dentro de dois dias. Este é o *mindset* generalizado.

Há uma tendência para que as soluções que vêm com IA tenham algumas regalias, nomeadamente passar ao lado do chapéu da segurança. O nosso esforço nesta fase inicial é ‘obrigar’ – entre aspas – a gestão de topo e dizer ‘isto é uma ação muito importante para vocês, têm uma corrida contra o tempo para estarem otimizados através de ações de IA, estamos solidários convosco em relação a isso, mas é obrigatório que as ações de IA passem pelo modelo de governação de segurança como se fosse uma ação qualquer digital’. Este é o desafio número um.

Para quem trabalha no mundo da segurança há este dilema: quem ataca utiliza IA; quem defende utiliza IA. Como é que está aqui este binómio? Ambos utilizam IA há muitos anos. Quando faço análises comportamentais debaixo de um serviço de *security operation center*, estou a analisar o comportamento da pessoa. Estou a usar IA. Quando processo milhões de eventos por minuto, não é exequível ao olho humano e utilizo a inteligência



artificial para processar todo aquele volume gigantesco de informação e só passa para cima o que é exequível ser visto pelo olho humano.

Do lado do cibercrime também é utilizado há muitos anos. O que estamos a ver agora e que é relevante são duas coisas. Primeiro, os ataques que são feitos de forma personalizada, aquilo a que chamamos de *spear phishing*, tem um investimento de tempo e dinheiro para enganar. Vou estudá-lo, perceber quem é a rede de contactos dele, quem é a família, os amigos, os hobbies, o clube, onde é que utiliza os bancos, onde é que faz compras online, para

onde é que viaja e faço um perfil via OSINT. Depois, vou criar conteúdos para tentar enganá-lo e fazer *phishing* sobre ele para fazer um ataque, seja ele qual for. Isto custa tempo e dinheiro para o grupo cibercriminoso.

Com a IA posso dizer que quero atacar uma determinada empresa e peço para identificar quatro perfis do C-Level do IT e, depois de os identificar, para criar perfis para cada um deles; familiares, profissionais, redes sociais, tudo. E depois criar conteúdo para cada um deles, baseado nesse perfil. Ainda pedimos para enviar o conteúdo malicioso para cada um deles de quatro em quatro horas ou de dois em dois dias. Quando o alvo cair, avisa o grupo cibercriminoso. Entretanto, fazemos isso para a empresa A, a B, a C e a D. O cibercriminoso vai ver a bola enquanto a IA trabalha. Transformou um ataque que era altamente personalizado, *high skills, time consuming* e que obrigava a muito investimento, num ataque que é massivo e robotizado e com uma alta probabilidade de sucesso.

QUE CONSELHOS DEIXA PARA OS LÍDERES DE CIBERSEGURANÇA E DE TRANSFORMAÇÃO DIGITAL DAS ORGANIZAÇÕES PORTUGUESAS?

O que digo aos meus clientes, numa primeira instância, e para aqueles que vão investir no modelo de segurança, é que há três pontos que devem ser

colocados na agenda de qualquer gestor de topo que tem um negócio no ciberespaço.

Na ótica da prevenção, **é preciso focar na capacidade de se autoavaliar continuamente sem melindres e criar um modelo de autoavaliação constante, à procura de falhas** – e não são falhas à procura de quem é que falhou; falhas para procurar como corrigir rapidamente. Não é com ações milagrosas, às vezes é com *quick wins*, com ações de mitigação do risco, mas tenho de saber qual é o meu *playground* de falhas. Baseado nisso, vou investir ali, ali e acolá e gerir o meu risco, mas com conhecimento de causa.

Na ótica do durante, **é necessário implementar capacidades de monitorização e alarmística. É preciso ser capaz de montar uma estrutura que monitorize o meu negócio, a minha atividade digital 24 horas, sete dias por semana, à procura de ações erróneas, suspeitas ou maliciosas para conseguir encurtar o tempo da atividade criminosa na minha organização. É ganhar tempo, comprar tempo.**

Os grupos criminosos hoje fazem ataques, fazem intrusão. A forma de fazer intrusão varia constantemente. Há um período oculto na rede em que estão a descobrir quem é quem na rede, onde estão os ativos, onde está o dinheiro. No fim, roubam os dados, depois apagam ou encriptam, ou até podem destruir tudo. Este tempo oculto é onde a minha capacidade, a minha guarda armada, vai detetar algo antes de roubarem ou destruírem. Hoje não é só uma tendência, é uma obrigação.

Se formos ver grande parte dos ataques destrutivos em Portugal e no mundo são feitos a uma sexta-feira às quatro da manhã e não é ingênuo. Eles sabem que não há guarda-armada àquela hora ou que os olhares estão menos atentos. Antes, este tempo oculto durava semanas; hoje dura horas, no máximo um dia ou dois. Temos de ser capazes de capturar estes momentos suspeitos, antes de haver algo mais violento.

Por fim, o após. **Quando o dia chegar, estar preparado para me levantar. Preparamos continuamente os clientes para, que quando acontecer, tenha muito bem balizado o que fazer num processo em que foi vítima de um ciberataque ou de um ciberdesastre, em que sabe muito bem o que é que vou levantar, qual é a sala de crise, quem é que vai ter na sala de crise, quais são os mecanismos que vai acionar para se reerguer, com quem é que vai comunicar, como é que vai comunicar com o ecossistema de parceiros, fornecedores, clientes, autoridades de controlo, se tecnologicamente tem *insight* para conseguir levantar os sistemas novamente... tudo isto tem de estar testado em tempo de paz** porque, quando houver um tempo de guerra, sei precisamente o que fazer e não há momentos de pânico ou de criatividade instantânea. Tem de ser muito bem parametrizado. Não quer dizer que os planos funcionem sempre – não vão funcionar –, mas temos balizas e temos um conjunto de alinhamentos muito bem definidos para que não haja grandes margens para decisões instantâneas ou muito criativas. ■

IFA 2025: IA ACELERA INOVAÇÃO EM ECRÃS E COMPUTADORES PORTÁTEIS



A edição de 2025 da IFA confirmou a inteligência artificial nas principais inovações tecnológicas. Com mais de 1.900 expositores de 49 países, foram vários os produtos disponíveis para as centenas de milhares de pessoas que passam pelo certame poderem ficar a conhecer.

RUI DAMIÃO



JÁ LÁ VÃO MAIS DE CEM ANOS desde que a IFA abriu portas pela primeira vez em Berlim. Uma das principais feiras de eletrónica de consumo na Europa já não se fica pelo rádio como em 1924 e, agora, as centenas de milhares de pessoas que por lá passam de descobrem as novidades de vários segmentos do mercado dos mais de 1.900 expositores de todo o mundo.

Inovação, redes e as mais recentes tecnologias foram o foco da edição de 2025 da IFA, que também procurou mostrar a sustentabilidade das soluções e a transformação digital. Com expositores de 49 países, a IFA partilhou diferentes perspetivas e ideias que permitem a quem por lá passa descobrir novas soluções para os seus negócios, com base, na maioria das vezes, em Inteligência Artificial (IA), mobilidade e casas (mais) inteligentes.

NOVA TECNOLOGIA PARA TELEVISORES

Uma das principais novidades em termos de tecnologia apresentada por várias marcas durante a IFA está no segmento de televisores. A tecnologia mini LED RGB (independentemente do nome que cada uma das empresas lhe dá) é um salto em relação ao mini LED. A tecnologia em questão já vinha a ser falada nos últimos meses, mas esta foi uma das primeiras feiras onde várias marcas apresentaram novidades.

As televisões mini LED tradicionais representam, atualmente, o topo de gama da tecnologia LCD/LED no mercado de consumo. Estas utilizam uma retroiluminação composta por milhares de pequenos LED azuis combinados com uma película de pontos quânticos colocada entre a fonte de luz e o painel LCD. Estes pontos quânticos absorvem a luz azul e reemitem-na como luz vermelha e verde, permitindo controlo local preciso e expandindo a gama de cores disponível e o brilho máximo do ecrã.

Esta nova tecnologia mini LED RGB elimina esta conversão de cores, considerada sub-ótima em termos de eficiência energética. Em vez de depender exclusivamente de LED azuis que precisam de ser convertidos, esta abordagem integra LED independentes (como o nome indica) nas três cores primárias (vermelho, verde e azul) diretamente numa lente ótica por trás do painel LCD.

Esta arquitetura dispensa completamente a camada de pontos quânticos e transformam o controlo local numa operação a três cores que já não depende



- A diferença das tecnologias de televisores, com a mini LED RGB mais à direita, no stand da Hisense durante a IFA 2025 -

da retroiluminação azul ou branca convencional. O resultado é não só uma maior eficiência energética como um controlo mais preciso sobre cada zona de iluminação do ecrã.

A Hisense foi uma das marcas presentes na IFA 2025 que apresentou televisões com a tecnologia mini LED RGB. A televisão UXQ RGB-MiniLED de 116 polegadas apresenta, segundo a Hisense, uma “elevada precisão, num formato de ecrã ultra grande”. Este desenvolvimento representa

uma nova experiência de visualização doméstica, combinando um tamanho de ecrã de 116 polegadas com uma qualidade de imagem sem precedentes, o que representa um salto qualitativo em precisão cromática, brilho, contraste e imersão audiovisual.

Diz a Hisense que “cada jogo, filme ou videojogo é vivido com uma escala monumental e uma fidelidade cinematográfica que transforma a sala num cenário vibrante e realista, graças ao processador de última geração Hi-View AI Engine X. A experiência sensorial também é mais elevada com o sistema de som CineStage X Surround 6.2.2, desenvolvido em colaboração com a emblemática Ópera de Paris”.

Também a Samsung aproveitou o certame de Berlim para lançar oficialmente o seu primeiro ecrã com retroiluminação LED RGB num ecrã de 115 polegadas. Esta televisão é impulsionada pelo processador Micro RGB AI da Samsung que utiliza inteligência artificial para otimizar total-

mente a imagem e o som. Esta tecnologia, explica a Samsung, “analisa cada *frame* em tempo real e ajusta automaticamente a saída de cor para uma imagem mais realista e envolvente”.

Com o suporte da IA, o Micro RGB Color Booster Pro identifica cenas com tons de cor apagados e realça, de forma inteligente, as cores em todos os conteúdos, garantindo “uma experiência mais vívida e imersiva”, como explica a Samsung. Ao mesmo tempo, a tecnologia Glare Free permite que, mesmo em ambientes com muita luz, o ecrã reduza os reflexos, dando ao utilizador uma “visualização mais confortável e focada”.

TRADUÇÃO EM TEMPO REAL

A TimeKettle marcou presença na IFA e apresentou aos visitantes uma solução de tradução em tempo real. A empresa, fundada em 2016 em Shenzhen, na China, mostrou a sua solução que promete traduzir qualquer conversa em tempo real.



- TimeKettle promete traduções em tempo real -

Os produtos da TimeKettle contam com dois phones de ouvido e cada um dos interlocutores usa um dos phones. Uma pessoa fala na sua língua original e o produto transcreve automaticamente a conversa para a língua nativa da outra pessoa. Potenciado por IA, estes earbuds reduzem a barreira de conversação entre a forma como as pessoas interagem.

A TimeKettle fornece soluções para empresas e são desenhados para as necessidades dos profissionais, procurando assegurar uma comunicação

“suave e eficiência” e dando a possibilidade de as pessoas poderem comunicar em tempo real, mesmo quando não falam a mesma língua.

CONCEITOS DE PRODUTOS

Durante a IFA, a Lenovo – que convidou a IT Insight a estar presente na capital alemã para a apresentação dos seus novos produtos – apresentou um novo conceito de portátil, neste caso o ThinkBook VertiFlex, um conceito de portátil que conta com um ecrã de 14 polegadas que roda entre a horizontal e a vertical.

De acordo com a Lenovo, o modo de visualização vertical é ideal para casos de utilização como multitarefa em ecrã dividido, visualização de código e revisão de documentos. Ao mesmo tempo, no modo de visualização vertical, um smartphone pode ligar-se ao PC para a transferência de ficheiros, por exemplo.

Este produto é, ainda, apenas um conceito, mas a sua apresentação ao mercado mostra que a Lenovo está a considerar o seu lançamento. No passado,



a Lenovo apresentou um portátil com um ecrã que rolava sobre si mesmo que acabou por nunca ser lançado.

Outro conceito apresentado pela Lenovo em Berlim foi o Smart Motion. Este é um dos primeiros conceitos de suporte inteligente multidirecional para portáteis do setor. O novo sistema integra-se com câmaras, microfones e altifalantes dos computadores portáteis para oferecer um seguimento automático da face do utilizado, controlo por voz e características ergonómicas.



ECOSSISTEMA EM TRANSFORMAÇÃO

A IFA 2025 confirmou que a indústria tecnológica continua numa fase de transição acelerada, onde a inteligência artificial deixou de ser uma funcionalidade adicional para se tornar, em muitos casos, no motor central das inovações.

Desde os televisores mini LED RGD que redefinem a eficiência energética e a qualidade de imagem dos televisores até aos conceitos de portáteis, o certame de Berlim aponta para um ecossistema tecnológico mais inteligente, eficiente e centrado na experiência do utilizador. ■

A IT INSIGHT VIAJOU ATÉ BERLIM, NA ALEMANHA, A CONVITE DA LENOVO

LENOVO INTRODUZ NOVO PORTFÓLIO DE WORKSTATIONS, TABLETS E SMARTPHONES COM IA INTEGRADA

Workstations móveis, tablets com inteligência artificial nativa e smartphones foram alguns dos produtos que a Lenovo apresentou durante o seu evento Innovation World, em Berlim.

RUI DAMIÃO

BERLIM FOI O PALCO do mais recente Innovation World da Lenovo. Inserido na semana da IFA – que se realiza na capital alemã entre os dias 5 e 9 de setembro –, a Lenovo apresentou as suas novidades, que incluem computadores portáteis e smartphones, assim como o papel da Inteligência Artificial (IA). A IT Insight marcou presença no evento a convite da Lenovo.

Emily Ketchen, SVP & CMO do Lenovo Intelligent Device Group (IDG), estabeleceu o tom do evento ao afirmar que “para nós, a IA não é um complemento. É inteligência concebida e integrada para tornar a tecnologia mais inteligente”. Esta foi a filosofia que percorreu toda a apresentação, desde workstations profissionais até dispositivos móveis.





- Luca Rossi -

Luca Rossi, Presidente do Lenovo IDG

“Só a Lenovo oferece um portfólio – do corpo à cloud – para uma experiência simples e igual”, indicou Luca Rossi, Presidente do Lenovo IDG, que também mencionou que a Lenovo conta com smartphones – através da marca Motorola –, portáteis e também os produtos que estão por trás da infraestrutura cloud.

WORKSTATIONS MÓVEIS: POTÊNCIA PARA PROFISSIONAIS EXIGENTES

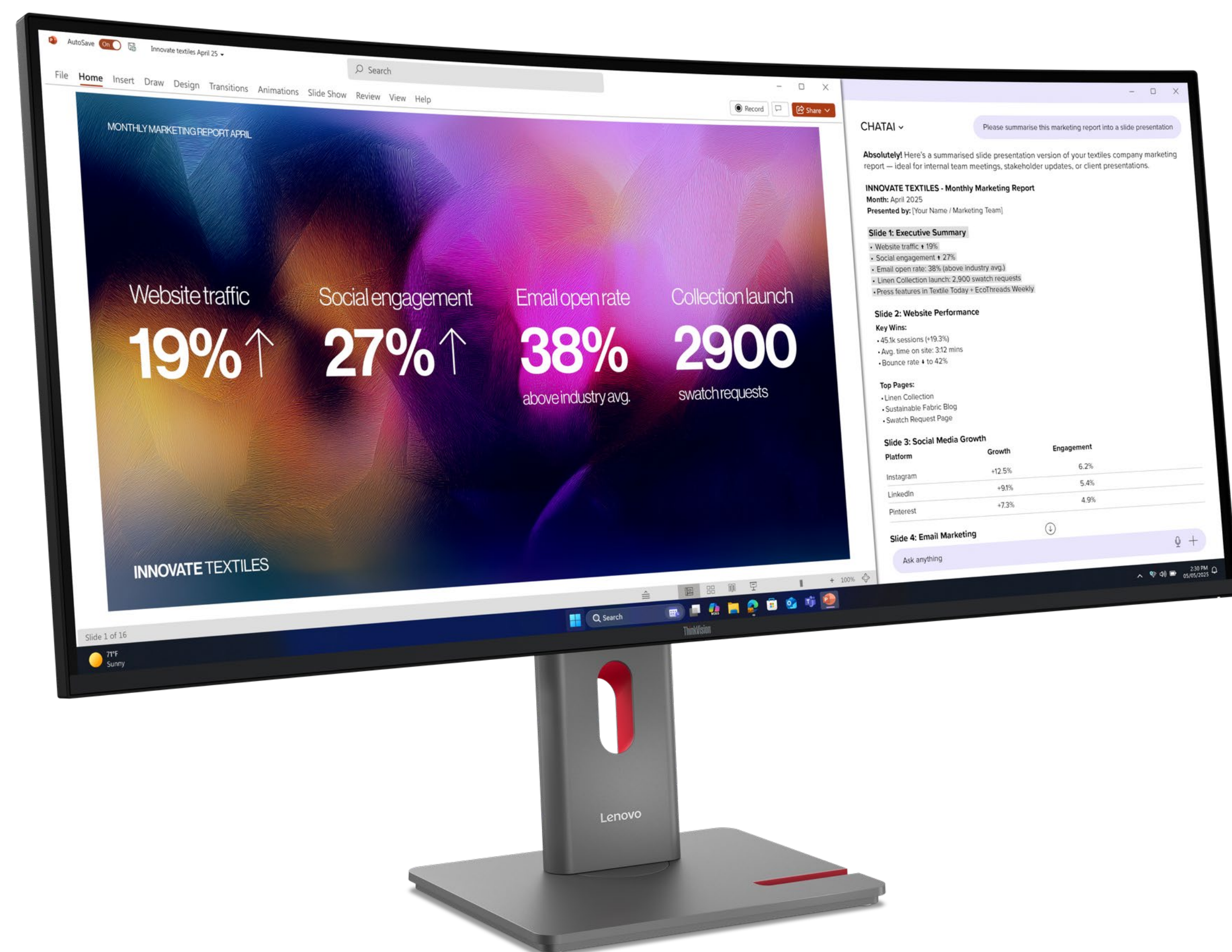
O destaque para o segmento profissional foi a apresentação das novas workstations móveis da série ThinkPad P, lideradas pelo completamente redesenhado P16 Gen 3. Equipado com os mais recentes processadores Intel Core Ultra 200HX com até 24 núcleos e NPU integrada, este modelo oferece “desempenho de substituir o *desktop* e gestão térmica avançada num *chassis* mais fino e leve para profissionais móveis”, como explicou Rossi.

Jim Johnson, Vice-Presidente Sênior e Diretor-Geral do Client Computing Group da Intel, destacou a Parceria estratégica com a fabricante: “as vossas *workstations* ThinkPad oferecem aos *developers* o desempenho robusto e as ferramentas de IA de que precisam para serem produtivos e criativos onde quer que vão”. A série também inclui gráficos



Nvidia RTX Pro 5000 Blackwell com até 24GB de VRAM, prometendo desempenho máximo para as tarefas mais intensivas graficamente.

A Lenovo também apresentou o ThinkPad P1 Gen 8, concebido especificamente para utilizadores móveis que necessitam de “desempenho ultra-premium, preparação para IA e verdadeira mobilidade”. Alimentado pelos mais recentes processadores Intel Core Ultra (Série 2), este modelo foi pensado para criadores de conteúdo, developers de jogos e especialistas em CAD.



Para complementar o ecossistema profissional, a Lenovo revelou o ThinkVision P40WD-40, um monitor curvo *ultrawide* de 39,7 polegadas com resolução 5120x2160. Este monitor é o primeiro desktop, de acordo com a própria empresa, a apresentar uma taxa de *refresh* variável de 24 a 120Hz, utilizando a tecnologia DisplayPort Power Saving da Lenovo para reduzir o consumo energético até 34% relativamente aos padrões Energy Star 8.0.

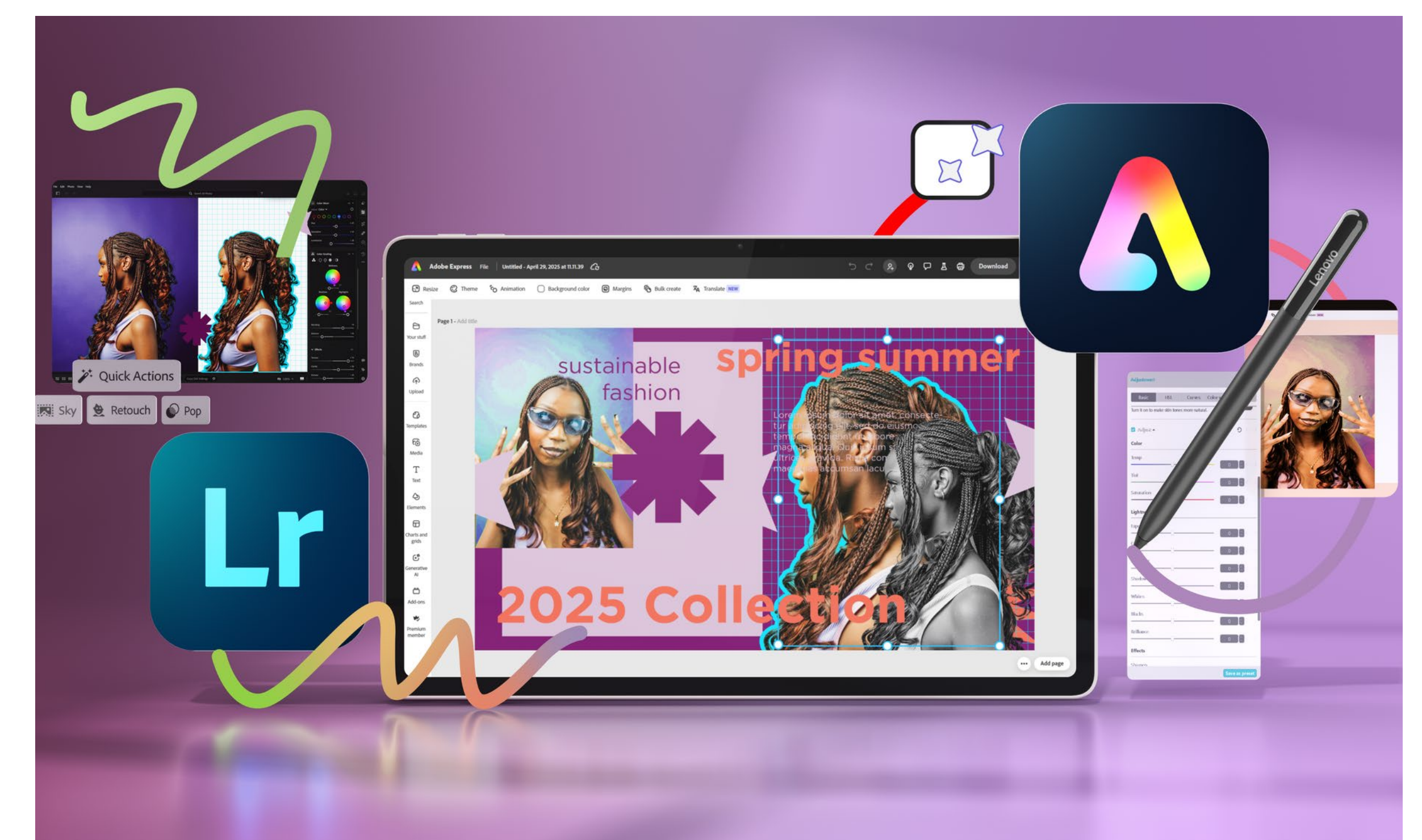
PARCERIAS ESTRATÉGICAS IMPULSIONAM INOVAÇÃO

A colaboração com a Intel estende-se além do hardware. A Lenovo está a desenvolver o AI Fast Start, uma solução baseada em serviços que ajuda as organizações a “desbloquear valor real dos AI PC mais rapidamente, com *onboarding* personalizado, *toolkits* curados e suporte especializado de preparação da plataforma”.

Johnson, da Intel, revelou detalhes sobre o Intel AI Assistant Builder: “é uma plataforma fácil de usar que fornece todos os blocos de construção subjacentes e ferramentas para fluxos de trabalho específicos para funcionar nos vossos AI PC”. A Lenovo está a alavancar esta tecnologia para criar uma fundação baseada no Model Context Protocol (MCP), que “ajuda organizações a desenvolver, implementar e escalar aplicações de agentes de IA de forma muito mais eficiente”.

TABLETS: CRIATIVIDADE E PRODUTIVIDADE EM MOVIMENTO

No segmento tablet, a Lenovo apresentou duas propostas distintas. O Yoga Tab posiciona-se como solução premium para criativos, equipado com um ecrã 3.2K PureSight Pro de 11,1 polegadas e 800 nits de brilho máximo. Alimentado pela plataforma Qualcomm Snapdragon 8 Gen 3 com NPU de 20 TOPS, o dispositivo oferece “uma verdadeira experiência híbrida de IA”.



As capacidades de IA incluem Smart AI Input para geração de texto, AI Live Transcript para transcrições em tempo real, e funcionalidades criativas como Sketch-to-Image que “transforma rabiscos em obras-primas digitais”. O tablet pode ser emparelhado com o Tab Pen Pro, que oferece feedback háptico.

O Idea Tab Plus dirige-se a um segmento mais acessível, mantendo funcionalidades de IA como AI Notes para simplificar e melhorar a escrita, e



Google Gemini para funcionalidades baseada na cloud. Com um ecrã de 12,1 polegadas 2.5K e altifalantes Quad Dolby Atmos, pesa apenas 530 gramas e oferece até 13 horas de reprodução de vídeo.

SMARTPHONES: MOTO AI REDEFINE A EXPERIÊNCIA MÓVEL

A divisão de smartphones da Lenovo, a Motorola, revelou o Moto Edge 60 Neo, que “chega para complementar a linha deste ano, combinando desempenho premium com design compacto e durável”. O dispositivo integra as mais recentes experiências Moto AI, tornando “tudo mais criativo, mais pessoal e mais fácil do que nunca”.

O smartphone inclui uma câmara de 50MP com sensor Sony e lentes telefoto dedicadas, além de funcionalidades como Photo Enhancement Engine que “ajusta automaticamente imagens para melhor detalhe e clareza de cor”. A funcionalidade Remember This permite “ver, ouvir e



guardar a vosso pedido o que mais importa para ser lembrado mais tarde”.

Para o segmento mais acessível, a família Moto G06 inclui o Moto G06 Power com “a maior bateria do segmento” oferecendo 65 horas de energia numa única carga, e ambos os modelos estão “entre os primeiros smartphones de valor a apresentar Google Circle to Search”.

A IT Insight marcou presença no Lenovo Innovation World '25 em Berlim, na Alemanha, a convite da Lenovo. ■



**GALAXY Z FOLD7: FINO, LEVE, DOBRÁVEL E
COM INTELIGÊNCIA PODEROSA**



A SAMSUNG revelou recentemente o novo Galaxy Z Fold7, um dispositivo que combina o design habitual da gama Galaxy, uma nova potência de câmara e a Inteligência Artificial (IA) Galaxy AI, tudo no modelo mais fino e leve da gama Galaxy Z Fold de sempre.

Com um desempenho e experiência de um smartphone da gama Ultra da linha Galaxy S, este novo smartphone dobrável desbloqueia novos níveis de eficiência e produtividade graças a um ecrã maior e mais imersivo quando aberto. Com a nova interface One UI 8 como base, integra agentes inteligentes e multimodais otimizados para o formato dobrável.

Novo smartphone dobrável da Samsung é o mais fino e leve de sempre e combina precisão com inteligência artificial

Diz a própria Samsung que “esta nova geração de dobráveis combina design e engenharia com inteligência artificial desenvolvida especificamente para este



formato, o que oferece aos utilizadores uma experiência ultra completa, poderosa, imersiva, inteligente e portátil, tudo num só dispositivo”.

DOIS ECRÃS, DOIS MODOS

O Galaxy Z Fold7 foi concebido para aqueles que pretendem a portabilidade de um dobrável, combinada com a potência e o desempenho de um smartphone tradicional, melhoradas para um ecrã maior, tudo num único dispositivo. Com o seu design ultrafino e leve, assim como um ecrã mais amplo, o Galaxy Z Fold7 proporciona uma experiência superior em movimento, que permite escrever e navegar sem esforço quando está dobrado.

Quando desdobrado, o Galaxy Z Fold7 torna-se num dispositivo completamente diferente, com um ecrã expansivo que oferece uma área de trabalho que permite edição de vídeo e documentos, multitasking e visualização envolvente – e que permite tirar mais do Galaxy AI. O ecrã principal do Galaxy Z Fold7 é 11% maior do que o da geração ante-

rior, proporcionando ainda mais espaço de ecrã de conteúdos e multitasking em várias aplicações. Fino e leve, o Galaxy Z Fold7 foi desenvolvido para acompanhar o utilizador nas suas tarefas diárias. Desde a dobragem repetida até à possibilidade de caber numa pequena mala, foi concebido para durar mais tempo, com uma dobradiça reestruturada e um ecrã dobrável ainda mais resistente.

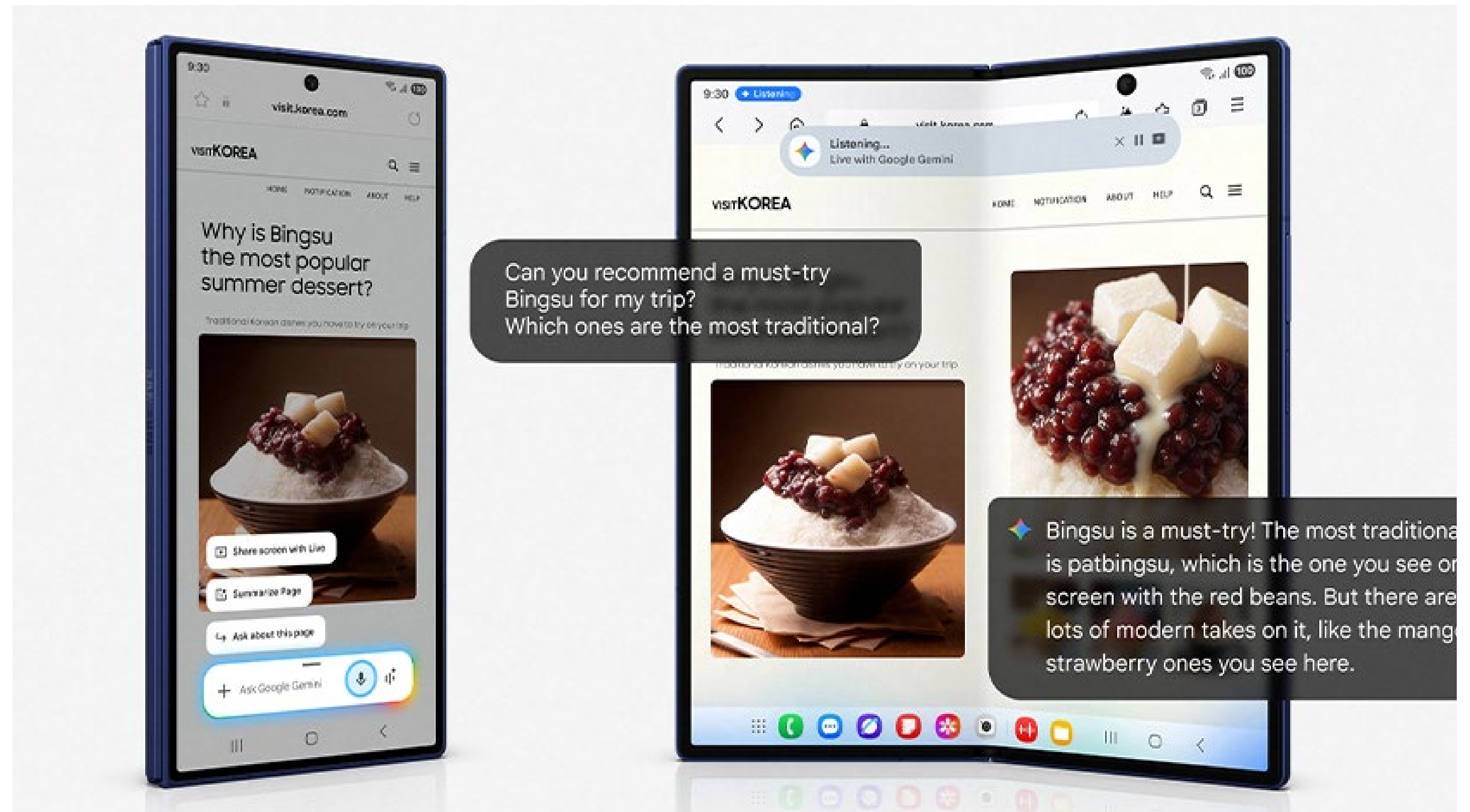
INTELIGÊNCIA E CRIATIVIDADE

O Galaxy Z Fold7 traz agora o melhor da experiência de câmara profissional dos Galaxy para um dispositivo dobrável, combinando um hardware avançado com processamento inteligente obtendo resultados impressionantes. A sua câmara de alta resolução capta detalhes superiores, cores vibrantes e texturas ricas, levando os utilizadores de volta a cada momento. A imagem melhorada por IA otimiza automaticamente a luminosidade, os detalhes e o realismo para que as fotografias e vídeos se mantenham nítidos, mesmo com pouca luz.

Este smartphone também coloca um estúdio criativo de nível profissional no bolso dos utilizadores, com ferramentas de inteligência artificial otimizadas para o seu grande ecrã. Com este dispositivo é possível captar conteúdo em alta qualidade e depois editá-lo com ainda maior facilidade. Desde a remoção de elementos indesejados em fotografias, até à remoção de ruído de fundo em gravações feitas em ambientes movimentados, como restaurantes ou festas, as melhorias podem ser feitas em apenas poucos passos. As funcionalidades intuitivas e inteligentes do Galaxy Z Fold7 permitem transformar facilmente as fotografias e vídeos em conteúdos de nível profissional, sem necessidade de ferramentas adicionais.

O Galaxy Z Fold7 aproveita o poder do ecrã dobrável para ampliar o poder e a conveniência da IA, proporcionando experiências que são instintivas, adaptáveis e eficientes sem esforço. Juntamente com o novo One UI 8, sensível ao contexto e otimizado para o formato flexível, o ecrã expansivo do Galaxy Z Fold7 oferece uma forma mais intuitiva e imersiva de interagir com a IA.

O One UI 8 traz uma maior privacidade às experiências de IA personalizadas com o novo Knox Enhanced Encrypted Protection (KEEP). O KEEP cria ambientes de armazenamento encriptados e específicos para aplicações dentro da área de armazenamento seguro do dispositivo, assegurando que cada aplicação pode aceder apenas à sua própria informação sensível e nada mais.



Com o One UI 8, a Samsung está a avançar com o Knox Matrix para oferecer uma proteção mais proativa e fácil de utilizar em todo o ecossistema Galaxy. Além disso, como parte do seu compromisso contínuo com a segurança quântica, a Samsung está a integrar a criptografia pós-quântica no Secure Wi-Fi. Esta melhoria protege o processo de troca de chaves no centro das ligações encriptadas, ajudando a garantir uma privacidade robusta mesmo em redes públicas.

O Samsung Galaxy Z Fold7 já está disponível no mercado português por um preço de venda ao público recomendado a partir dos 2.169,90 euros. ■



CÂMARA DO PORTO E ESRI TRANSFORMAM REABILITAÇÃO URBANA COM SIG MÓVEL

Ao abandonar os métodos tradicionais em desktop para adotar uma plataforma SIG móvel da Esri, a Câmara Municipal do Porto revolucionou os seus processos de levantamento para a Reabilitação Urbana. Através desta solução, que centraliza dados em tempo real, também é possível promover a colaboração entre equipas.

INÊS GARCIA MARTINS

A APOSTA ESTRATÉGICA do Município do Porto na reabilitação urbana esbarrava num obstáculo processual e tecnológico no seu projeto-chave da Operação de Reabilitação Urbana (ORU) de Lordelo do Ouro. A necessidade de realizar um levantamento de campo exaustivo – através da caracterização do edificado, do espaço público e da mobilidade – era minada pelo método de trabalho tradicional, que, assente em ferramentas de desktop, se revelava lento, propenso a erros e impedia a colaboração ágil entre equipas. O desafio era claro: romper com o modelo de trabalho estático e acompanhar a rápida transição para um ambiente dinâmico, web e móvel. A Divisão Municipal de Planeamento e Ordenamento do Território (DMPOT) necessitava de uma forma mais eficaz de recolher e analisar informação e, por isso, lançou o desafio ao Núcleo SIG da Direção Municipal de Sistemas de Informação (DMSI), que atuou como o parceiro tecnológico interno para desenhar e implementar uma nova metodologia.

UMA SOLUÇÃO CENTRALIZADA PARA UM PROBLEMA COMPLEXO

Para responder ao desafio, a equipa da DMSI implementou uma solução tecnológica integrada para tirar partido da plataforma ArcGIS da Esri. A arquitetura da solução foi desenhada para criar um ecossistema digital coeso, onde a informação flui de forma transparente desde o terreno até aos gabinetes de análise, livres de silos e processos manuais de conversão de dados.

O núcleo da solução assentou no ArcGIS Enterprise Portal, que serviu como ponto central para a gestão de todos os dados geográficos. No terreno, as equipas receberam dispositivos móveis com a aplicação ArcGIS Field Maps. Esta ferramenta permitiu a georreferenciação e o registo de informação de forma estruturada, através de formulários pré-configurados, o que permitiu associar fotografias a cada elemento registado.

Para a monitorização e controlo dos trabalhos, foram criados dashboards com ArcGIS Dashboards, que permitiam às equipas no *backoffice* acompanhar o progresso em tempo real, validar a qualidade dos dados instantaneamente e identificar eventuais incoerências. A informação foi posteriormente sistematizada e apresentada internamente através de um site criado com ArcGIS Story Maps, de modo a facilitar a consulta e utilização para apoiar a decisão.

EFICIÊNCIA, COLABORAÇÃO E DADOS DE QUALIDADE

Os resultados da implementação foram imediatos e superaram as expectativas, sendo que a principal mais-valia foi a capacidade de visualizar o trabalho de campo em tempo real. “Como o trabalho foi feito online, quem estava no escritório conseguia ver na hora o que estava a ser produzido. Para além disso, foi útil pois houve correções a ser feitas no imediato, evitaram-se erros no levantamento em si e todo o planeamento foi mais fácil de fazer”, afirma Cátia Lopes, Técnica Superior na Câmara Municipal do Porto.

A centralização da informação eliminou os erros de importação e simplificou drasticamente a validação. A colaboração entre as equipas de campo e de *backoffice* tornou-se mais estreita, o que acabou por aumentar a eficiência e a produtividade, uma vez que se tornou desnecessário regressar ao terreno para corrigir ou complementar informação.

“

TORNÁMOS O SIG ACESSÍVEL A TODOS E
DESMISTIFICÁMOS O SEU USO, O QUE FOI MUITO
POSITIVO”

PEDRO DAVID PEREIRA, TÉCNICO SUPERIOR ENGENHEIRO GEÓGRAFO
DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

Além dos ganhos operacionais, o projeto teve um impacto cultural significativo. Segundo Pedro David Pereira, Técnico Superior Engenheiro Geógrafo da Câmara Municipal do Porto, a iniciativa serviu para aproximar técnicos de diferentes áreas da tecnologia, já que “houve uma aprendizagem de todos, não só no uso da ferramenta em si, mas também na disponibilização da mesma”. O especialista destacou os principais avanços alcançados e afirmou que “tornámos o SIG acessível a todos e desmistificámos o seu uso, o que foi muito positivo. Conseguimos incluir toda a equipa e o trabalho de cada um foi valorizado. Isto acabou por ser um trabalho colaborativo, onde a grande novidade foi a transposição para a Web, ou seja, a utilização de ferramentas de mobilidade que permitem e facilitam fazer o levantamento e atualização da informação no terreno”, conclui. ■

O CHARME DISCRETO DO ALENTEJO



Entre os sobreiros e as infinitas paisagens da Serra de Grândola, o Sobreiras Alentejo Country Hotel afirma-se como um retiro de charme no litoral alentejano. Em julho de 2025, foi distinguido como Melhor Turismo Rural, pelo Portugal Travel Awards. O hotel alia design contemporâneo, gastronomia e sabores autênticos da região, imerso numa natureza que convida a abrandar, onde o luxo discreto se funde com a simplicidade do Alentejo. Situado a pouco mais de uma hora de Lisboa, oferece vistas panorâmicas de 360°, Internet de fibra ótica e carregadores para veículos elétricos como parte da sua aposta no turismo sustentável. ■

DO PASSADO AO PRESENTE



“Visitar Amigos e outros contos”, é o nome do livro que venceu o Grande Prémio de Literatura dst 2025. Escrito por Luísa Costa Gomes, reúne 13 histórias onde o humor, a ironia e a reflexão existencial se entrelaçam. De uma mala que transporta o peso do passado a uma sátira sobre o “turismo de memória”, a escritora desafia o leitor a olhar para a condição humana com inteligência crítica e surpreendente leveza. Os contos que não têm um fio condutor, deixam um traço de continuidade temática que exploram o tempo, a História e os laços humanos. ■

UM OLHAR SOBRE A ARTE



ARTES 2025 celebra o diálogo entre tradição e inovação, oferecendo uma imersão na arte contemporânea na Galeria Augusto Cabrita, com pinturas, esculturas e instalações que desafiam o olhar e estimulam a criatividade. Cada obra convida o visitante a explorar a cena artística local, o que proporciona uma experiência cultural fora do circuito habitual. A participação da artista Paula Rosa, que transita entre o design e a pintura, adiciona uma camada de profundidade à exposição. A mostra vai estar patente de 4 de setembro a 11 de outubro no Fórum Cultural do Seixal, com entrada livre. ■



INVICTUS: o salto hipersónico europeu

A ESA lançou o projeto INVICTUS, uma plataforma experimental que promete levar a Europa à era do voo hipersónico. Capaz de atingir Mach 5, descola como um avião e voa como um foguete. A inovação está nos motores de reação, semelhantes aos de um jato tradicional, mas equipados com um sistema de pré-arrefecimento que baixa instantaneamente a temperatura do ar admitido, permitindo combustão eficiente em velocidades extremas. Com hidrogénio como combustível, o primeiro voo está previsto para 2031. O INVICTUS não é apenas velocidade: é autonomia tecnológica e um passo decisivo para o futuro aeroespacial europeu.

OBRIGADO POR TER LIDO A IT Insight

*Para continuar a receber regularmente a sua IT Insight, por favor atualize os seus dados profissionais **aqui***

*Conheça a política de privacidade da IT Insight **aqui***

IT Insight

PUBLISHER: Jorge Bento 

DIRETOR: Henrique Carreiro

DIRETOR EDITORIAL: Rui Damião - rui.damiao@medianext.pt

COORDENADORA EDITORIAL: Marta Quaresma Ferreira

REDAÇÃO: Inês Garcia Martins e Flávia Gomes

GESTÃO DE PARCEIROS:

Beatriz Salzedas – beatriz.salzedas@medianext.pt - (351)910 788 082

João Calvão – joao.calvao@medianext.pt- (351)910 788 413

MKT & EVENTS DIRECTOR: Rosa Bento – rosa.bento@medianext.pt

MARKETING & COMMUNICATIONS: Rita Rodrigues

ARTE E PAGINAÇÃO: Teresa Rodrigues

FOTOGRAFIA: Luciano Reis

ILUSTRAÇÕES E IMAGENS: Adobe Stock e DALL-E

DESENVOLVIMENTO WEB: Global Pixel

A REVISTA DIGITAL INTERATIVA IT INSIGHT É EDITADA POR:
MediaNext Professional Information Lda.

GERENTE: Pedro Botelho

SEDE E REDAÇÃO: Largo da Lagoa, 7c, 2795-116

Linda-a-Velha, Portugal

TEL: (+351) 214 147 300 | **FAX:** (+351) 214 147 301

PERIODICIDADE: Bimestral

IT INSIGHT está registada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social nº12729

Consulte [aqui](#) o Estatuto Editorial

PROPRIEDADES E DIREITOS

A propriedade do título “IT Insight” é de MediaNext Lda., NIPC 510 551 866. Proprietários com mais de 5% de Capital Social: Margarida Bento e Pedro Botelho. Todos os direitos reservados. A reprodução do conteúdo (total ou parcial) sem permissão escrita do editor é proibida. O editor fará todos os esforços para que o material mantenha fidelidade ao original, não podendo ser responsabilizado por gralhas ou erros gráficos surgidos. As opiniões expressas em artigos assinados são da inteira responsabilidade dos seus autores.

A IT Insight utiliza as melhores práticas em privacidade de dados:

Editado por:

IT Insight é membro de:

